

A circular abstract painting featuring horizontal bands of color. The palette is dominated by vibrant red, deep green, and off-white or light grey. The brushstrokes are visible and expressive, creating a textured, layered effect. The colors are arranged in roughly horizontal bands, though they overlap and bleed into each other, giving the composition a sense of movement and depth. The overall effect is reminiscent of a landscape or a close-up of a natural material like wood or stone, but rendered in a highly stylized, non-representational manner.

**roda viva 6 andel**

**vila  
rejo**

Todos os direitos reservados - setembro de 2021

Vilarejo Metaeditora

[www.vilarejometaeditora.com.br](http://www.vilarejometaeditora.com.br)

Paulo Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Versão beta digital em cortesia, disponibilizada pelo site Panorama Tricolor

CPF 944.276.317/20

Capa: Andel, intervenção sobre arte de Renato Martini

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-919299-6-2



9 788591 929962

TROPICÁLIA TRICOLOR  
TESOUROS DA JUVENTUDE I/II  
BOWIE E O FLUMINENSE  
RACISMO  
FUTEBOL É GRUPO  
SERGUEI ROCK FLU  
OS HERÓIS DE 2007  
O AMBULANTE TRICOLOR  
CARTA PARA ASSIS  
SOBRE TUTA  
O FLA x FLU DE BOB DYLAN  
PIXINGUINHA  
O GAROTO TRICOLOR DA CDD  
A FIGURINHA DO FÉLIX  
MARACANÃ  
DE VOLTA NA PRAÇA  
FLAMENGUESA  
ROMEU E MACALÉ  
CINCO ANOS DE UMA FARSA  
WALDO, O MAIOR DE TODOS  
AFONSINHO  
CHICO BUARQUE  
PENAROL 2019  
GIGANTE NA ARQUIBANCADA  
BLACK FLU  
GERSON  
EDINHO  
XEXÉO, LEÔNIDAS E TOSTÃO  
O TORCEDOR NÃO É OTÁRIO  
SUPER SUPER ÉZIO

## SOBRE TUTA

22/10/16

Ontem, na festa dos Tricolores pela Democracia celebrando os 114 anos do Fluminense, experimentei ótimas recordações do nosso time, vividas há mais de dez anos e que continuam com toda força pelos caminhos da vitória.

Durante o evento, num telão se via grandes e gloriosos gols tricolores. Pesos pesados como a Máquina e o timaço 1983-1988, passando pelo Super Ézio, o gol de barriga do Super Renato e alguns *hi-lites* da primeira década deste nosso século (eu venho do anterior mas isso é mero detalhe).

Títulos, triunfos, ídolos e artilheiros o nosso Flu tem aos montes. E os mais badalados são sempre louvados, celebrados, revividos. Faz todo sentido: cronicar o grande passado abre as estradas para os caminhos à frente.

Em certo momento do telão, apareceu o Tuta com seus gols contra o Flamengo (seu ex-clube). Um grande artilheiro. Em 2005, ao lado de Leandro Guerreiro (que merece uma coluna exclusiva), o camisa 9 foi peça fundamental na conquista do Carioca daquele ano e da excelente campanha no Brasileiro, cujo desfecho infeliz só não nos levou à Libertadores devido a uma *horcadada*.

Simpático, discreto, simples, Tuta cativou a torcida do Flu em sua primeira temporada. Na segunda, em 2006, já não foi tão bem em termos de boa fase, mas justamente ali é que ele prestou serviços mais do que inestimáveis ao clube, que merecem reconhecimento à altura.

Sabedor de que não passava por um bom momento técnico, numa equipe que perdera força e lutava contra um rebaixamento, Tuta não se fez de rogado: mostrou-se como um grande jogador de grupo, voltando o tempo todo como um louco para marcar laterais adversários, meias e até atacantes. Nas partidas finais do Brasileiro 2006 era praticamente um zagueiro em todos os escanteios contra o Fluminense, mesmo os do final do segundo tempo, quando os jogadores estão geralmente extenuados. E venceu: com uma vitória dramática sobre o Santa Cruz no Mundão do Arruda, o Flu mandou a segunda divisão para a cucuia. Logo depois, o artilheiro foi embora para o Grêmio e, a seguir, circulou em diversos times do futebol brasileiro até hoje ou ontem.

Tuta é um dos nomes que merece a devida valorização do Fluminense no futuro. Ele entendeu como poucos o espírito das Laranjeiras, lutando com todas as forças, fosse com a valentia dos gols ou a combatividade frente ao risco de destruição. Poucos perceberam que sua atitude pode ter contagiado os mais jovens daqueles tempos, que seis meses depois ganhariam a Copa do Brasil e escreveriam os primeiros capítulos de um livro riquíssimo que foi até 2012, com perdas, danos e conquistas inesquecíveis.

Discreto, sorridente e sempre mascando chicletes em campo, o artilheiro lutador abriu as trilhas para um Fluminense que desafiaria muitas definições. Uma figura quintessencial para se entender o Tricolor na primeira década do século XXI. Foram apenas duas temporadas, mas que valeram por dez.

## TROPICÁLIA TRICOLOR

08/04/16

Na Guanabara do século XXI – mais precisamente em 2016 -, menos conhecida do que a rede de supermercados de mesmo nome, o Fluminense está todo prosa. Depois de anos sem viço, destrambelhados, eis que o imortal *club* das Laranjeiras dá sinais de que pode alçar grandes voos nesta temporada. As expectativas já apontam para a fase final do Campeonato Carioca e a decisão da Primeira Liga. O Tricolor está com a bola cheia, especialmente depois da chegada do treinador Levir Culpi. Viva a bossa, viva a palhoça, viva o amor das três matizes que já produziram lágrimas de sangue e orgasmos de alegria.

A torcida do Fluminense faz questão de mostrar sua paixão. Assim tem sido há muito tempo e, pelo visto, continuará. O bom momento dentro de campo reacende esperanças, desafia definições e também causa situações que beiram o inusitado.

Zac, um cão salsicha de Copacabana, costuma ser levado regularmente ao calçadão da praia pelo seu dono, o Sr. Boilesen. Sempre veste um macacão tricolor que possui um enorme e belo escudo do Fluminense. Com suas pequenas pernas e patas, caminha tranquilamente pelo piso de pedra centenário enquanto o dono é que se esfalfa ao acompanhá-lo. Sr. Boilesen, se me entendem, é mais um dos cadáveres vivos à espera do cadafalso da avenida litorânea.

Dois craques do *football* de areia – não confundir com beach soccer – e notórios maconheiros – encostados numa trave perto da avenida Princesa Isabel em plena tarde de sexta-feira, ambos vestidos com o manto sagrado das três cores do futebol – um deles com uma camisa oficial; o outro, não. Cochicham, apertam as mãos em atitude *down by law* – ou *low life* – e um diz para o outro: “VAMO FALAR COM O ARTHUR, BROTHER!”. Os dois sorriem enquanto o travessão corta uma pequena nuvem de fumaça acima das cabeças quase ativas: “PÔ, BROTHER: QUE ONDA ALUCINANTE! VAI, FLUZÃO!”

Atravessando a zona sul e chegando até o centro da cidade, numa das esquinas da rua do Senado há um bordel decadente onde a CEO Kelly dá as cartas no comércio do sexo local. Traduzindo: cafetina. Loura adaptada, pernas grossas, talvez um metro e sessenta de altura, parece ter mais do que os supostos vinte e cinco anos de idade. Não bastasse ser fanática pelo Fluminense, volta e meia é vista com a camisa do clube no botequim anexo à escadaria de tapete vermelho que leva ao seu ambiente de trabalho: um sobrado do amor. A indumentária não deixa dúvidas: microshort jeans e salto alto, celular num dos bolsos e o maço de cigarros no outro. Na batata da perna direita, reluz um belo escudo do Fluminense, saltitando na carne desejada e de fácil acesso. Kelly é valente, guerreira tricolor. Gostosa. Crua.

O Fluminense é indomável. É Charlie Mingus, o gênio do jazz, dentro do estúdio *Impulse*, gritando para os músicos: “Ninguém olha para ninguém. Todos de costas. Vamos sentir a música”.

Ah, Fluminense, que dorme em berço esplêndido de ambientes marginais, vulgares mas também em casas confortáveis e luxuosas – o escritor Valterson Botelho tem um Romanelli

inspirado no Fla-Flu, numa sala onde se pode apreciar toda a beleza do Atlântico Sul beijando a orla de... Copacabana – outra vez!

Arismar Leite mora em Belford Roxo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Vive numa casa humílima, com pequena pensão. Problemas de saúde o levaram a ter as duas pernas amputadas. Todas as suas dificuldades ficam de lado quando liga o radinho de pilha e escuta sobre o Fluminense, especialmente nos jogos e nas notícias, muitas vezes narradas pela repórter Carla Matera, que é um dos símbolos da nossa torcida. Arismar é apaixonado pelo Fluminense há mais de meio século. Viu Castilho, Pinheiro, Altair e mais duas dezenas de heróis tricolores em campo. Não importa a distância e a cadeira de rodas: sempre que pode, vê o Flu em estádios.

O Fluminense não cabe num blog, numa biblioteca, numa revista de fofocas, nem na sede das Laranjeiras. Três cores que abrem os braços e a gente faz um país, não uma Casa Grande.

Esse Fluminense *burn to shine*, que mora em rock e xote, que dança em respeitáveis clubes e quadras de favelas, que já deu bom dia a sinhá, viu réstias de senzala e já dormiu abraçado em lençóis elegantes do Alto Leblon. Já seduziu analfabetos geniais e admiráveis, alimentou páginas de grandes jornais e inspirou livros de vida ou morte – às vezes enchendo outros analfabetos, estes rudes, de raiva e rancor porque a inveja é a celebração da própria ignorância. Tom Jobim era Fluminense, ainda é. Délcio Carvalho também é. O poeta Chacal com seus versos diretos e transatlânticos. O Fluminense rugiu nas lentes de Saraceni e Mário Carneiro, cultivou malandros e donzelos, seduziu machões e grandes bichas descoladérrimas. Rastejou em palafitas e mergulhou em seu aquário natal: a piscina do Copacabana Palace – COPACABANA DE NOVO – GUINLE!

Fluminense é verso livre e poesia marginal. Livro de bolso, favelost e lira do delírio. Prova de amor no Central Park também.

O socialite Chiquinho Zanzibar, branco, de bem, representante de uma linhagem de quatro centenários, reacionário até a morte, chega em casa depois de se deliciar com um garotão da Farme, chegando a sonhar com o tricolor Burle Marx e o aconchego secreto que, um dia, apelidou de “Pecadópolis”. Pensa nas contas, nos meninos negros que agora entram como querem na imponente sede alva da rua Álvaro Chaves, respira fundo de nojo e sonha com a morte da jornalista Alva Benigno, que tem devassado suas estripulias para os leitores de 360 graus. Liga a televisão, senta-se numa poltrona kistch, procura um canal de TV que derrube sua ansiedade homoerótica, ouve perto das janela a conversa de duas travestis com o motorista de um carro importado, depois desiste de tudo para tomar um banho, colocar robe e pantufas até desmaiar de sono e sonhar com um novo bofinho.

O Fluminense bate forte em peitos viris, flácidos, maduros ou provocantes – qualquer um. Povo a imaginário de milhões de brasileiros, sejam eles desdentados, milionários, proletários, intelectualizados, ateus, católicos, espíritas, feios, feiosos – o Frankenstein da internet quer ser famoso! -, belíssimos – Letícia Spiller! -, gentes humilde, outras nem tanto e a riqueza humana do clube é tamanha que um torcedor flanelinha se chamou Cartola. No peito dos desafinados também bate um coração, e também no dos desesperados, feito aqueles que viram – MESMO – o gol de barriga. O Fluminense é foda.

Nas mentes brilhantes e nos bicos intumescidos, nos grandes romances e nas inebriantes sacanagens. Esse Fluminense, voo rasante pelos caminhos inexplicáveis da alma.

Médicos, engenheiros, ambulantes, mendigos, crackers, golfistas, banqueiros, traficantes, maquinistas, bombeiros, marinheiros, advogados. Garotas de programa, freiras, ginastas, colonistas sociais, costureiras, faxineiras, jornalistas, babás, professoras. Tudo. O Fluminense é grande demais, tão grande que o velho escudo está até no peito de um traficante da Coreia num documentário *deep web*. Quem dera ele pudesse ser ressocializado, mas agora é tarde, tarde demais, exceto para se viver um domingo de alegria com o Fluminense em campo atrás da pelota, desde o tempo de Barthô até os atuais, de Scarpa e a garotada.

E nada disso pode ser controlado, manipulado, impedido, destruído ou tomado de assalto por qualquer fascista, porque nada lhe pertence que não seja a sua própria obscuridade – a mesma que determina a distância entre a literatura de primeira e a falácia de terceira.

Viva a bossa. Viva a palhoça. O Fluminense ruge alto demais.

Seremos campeões.

## ROMEU E MACALÉ

20/09/18

Primeiro minuto da terça-feira, silêncio de rua e passa no Canal Brasil o programa do João Gordo, entrevistando o ator Romeu Evaristo. Para os mais jovens, Romeu é muito conhecido pelo sucesso que fez com o personagem Angolano, do humorístico Zorra Total (agora Zorra), mas para os quarentões e cinqüentões ele é a marca da irreverência infanto-juvenil na televisão brasileira, encarnando o inesquecível Saci Pererê do Sítio do Picapau Amarelo. Ressalte-se: Romeu fez muito mais do que isso.

Talk show descontraído, irreverente, Gordo e Romeu começam a falar dos Trapalhões e da figura lendária de Tião Macalé, provavelmente o único humorista brasileiro que além de Costinha não precisava dizer absolutamente nada para que todos caíssem em gargalhadas. E aí o papo cai no futebol: Romeu, torcedor fanático do Fluminense, recorda da verdadeira ojeriza de Macalé ao ouvir o nome do time da Gávea, de sua presença constante nas arquibancadas tricolores, de sua inesperada bitchness nem um pouco enrustida e do time de praia de Tião, o popular Dínamo – onde jogou um dos maiores craques da história da praia, o Lubi, e meu inesquecível amigo Xuru Nunes.

Vamos lá: um dos personagens mais vistos pelas crianças na história da televisão brasileira estava todas as quartas e domingos no Maracanã, acompanhando o Fluzão. Ao lado dele, um dos nossos maiores humoristas de todos os tempos, com sua banguela inesquecível. Os dois lá discutindo se era uma boa Ademílton fazer dupla de zaga com Edinho, se dava pro Amauri compensar a saída do Cláudio Adão (é claro que não dava!) ou, mais tarde, sobre o futuro de Bobô no meio de campo tricolor. Quando o Flu retomou as Laranjeiras para jogos em 1986, Tião Macalé era presença permanente jogo sim, o outro também, geralmente na Young Flu. Nojento! Tchan!

O nosso clube nunca deu bola para estes verdadeiros dois heróis da arte brasileira. Deixamos de aproveitar a enorme popularidade que tinham. Bom, se pensarmos que teve dirigente que até riu da possível destruição de livros sobre o Fluminense...

É, não é de agora que a bicicleta anda torta em Álvaro Chaves, ainda que os atuais tempos sejam tenebrosos demais, a ponto de qualquer crítica ou elogio ser replicada por um eventual flubabaca com primitivismos do tipo “Você é Flusócio!”, “Você não era Mário?”, “Eu sô Celso!” e outras miudezas, como se este divisionismo idiota pudesse reverter o caos das Laranjeiras agora ou mesmo no ano que vem.

Ah, o programa do Gordo é dirigido por André Barcinski, biógrafo dele, jornalista, escritor do caraio, homem de TV e mil artes, tricolor da porra e uma das nossas maiores expressões artísticas. Barcinski, ao lado de Heitor D’Alincourt, dirigiu “Saudações Tricolores”, o primeiro filme da história do Fluminense. É muita história tricolor pra quinze minutos de programa *cult* na madrugada.

CHICO BUARQUE DE LARANJEIRAS

19/06/16

O TRICOLOR MALANDRO na praça outra vez, caminhando na ponta dos pés como quem pisa nos corações. Todo dia é sempre igual, meu guri, desde os tempos de um retrato em branco e preto.

Quando o Carnaval passar, lá estarão nossas cabeças rolando no Maracanã. Aplaudimos de pé as tabelas. Ah, o futebol.

As meninas mais belas vestidas com as três cores da paixão lancinante: Ana, Bárbara, Joana, Renata, Maria. Todas com suas pétalas e flâmulas, fábulas e tatuagens. Hum, e aquela morena de Angola vai bem demais. Discretos somos com eventuais peitinhos de pitomba.

A vitória? Ela é dançarina, bailarina predileta e desejada à flor da pele – não existe pecado ao sul do Equador.

E se perder o jogo, meu caro amigo? Amanhã vai ser outro dia. Pode ser a gota d'água, então abrimos a cortina do passado, os anos dourados invadem nosso pensamento arrombando as retinas. Dar a volta por cima é a ópera do malandro.

A fidalguia da torcida atenta para um detalhe crucial: ninguém merece o papel de Geni.

O bebê de colo e a bandeira tricolor estendida no sofá não negam um roteiro promissor: futuros amantes.

Ah, Fluminense de outros sonhos, e outras palavras, navegante do inferno ao céu, quem te viu, quem te vê? Por ti voltei a cantar.

Fala, Maré. Fala, Madureira. Fala na língua do rap esse crucial momento, um sentimento grená de tão encarnado – de quem amou daquela vez como se fosse a última. A nossa torcida, ela faz cinema.

Refletores, luzes vivas, pó de arroz à superfície, sete fitas coloridas, imagina a gente se perder, hoje à noite a lua se apagar para delírio das gerais, no coliseu tricolor. Não olhar para trás e nem jamais dizer adeus.

Apesar daqueles, amanhã há de ser outro dia, pois o sol nascerá e não há palpite infeliz que perdure.

Evoé, jovens à vista.

DESCANSE EM PAZ, MARACANÃ

13/04/18

Você foi meu playground, parque de diversões, máquina de sonhos e fantasia desde a infância. Eu contava as horas durante a semana, sonhando que meu pai dissesse “Toma banho, vamos para o jogo”. E quando chegava na Praça da Bandeira me dava uma aflição: as pessoas caminhando com suas bandeiras, o trânsito engarrafado, o carnaval de toda semana. Às vezes, chegávamos antes de todo mundo, então lanchávamos e ficávamos sentados num dos bancos de praça que te cercavam.

Depois eu aprendi a ir sozinho e aí virou a festa: cada centavo era economizado para os ingressos, que eram acessíveis até para um garoto pobre como eu. Naqueles anos difíceis de 1981 e 1982, eu estava em todas. Depois foi mole: o Fluminense ficou *fullgás*, virou o charme do mundo.

Em 1990, eu chorei quando te vi destruído no gramado para o Rock in Rio, mas a vida continuava. Entre desastres, alegrias, sofrimentos e alívios, fomos felizes até 2005. Virei adulto aí dentro, chefe de família, comecei a ter as perdas, viver as decepções inevitáveis. O meu Fluminense nasceu, morreu e renasceu muitas vezes, no tempo que um tricolor abraçava o outro em vez de brigar por patéticos engravatados... Ok, rugas e cabelos brancos à parte, eu fui e nós fomos felizes. Tivemos vida.

Quebra ali, muda lá, assassinaram a geral. “Coisa de pobre, desdentado, precisamos de um público diferenciado”. Ugh! Não deu certo, a turma ainda sobreviveu por mais cinco anos. Ainda fui feliz. Ok, eu e Catalano tiramos fotos do velho placar esquartejado. Paciência.

Cheiro de merda mesmo, só em 2010. Aquele negócio de quebrar tudo e fazer a maravilha de Aquarius nunca me convenceu. Ninguém sabia, mas era apenas mais o plano de enriquecimento ilícito de um velho rato de praia em Copacabana – o bairro que nunca dorme. O Fluminense vivia o mecenato corporativo, fez grandes times, ganhou campeonatos e a torcida passou bem pela Era Engenhão.

Depois de 2013, sejamos sinceros? Nunca mais. Uma decisão ali, um clássico acolá, mas a verdade definitiva é que estupraram a tua alma, esfaquearam o teu fígado, te dilaceravam. Tudo pela merda da ganância e do poder da caneta. Nós tricolores, uma única vez botamos 50 mil dos nossos, numa noite em que o time foi aplaudido mesmo derrotado. Já se foram quatro anos...

Perdeu o sentido. As velhas arquibancadas estão estupidamente mortas. Os sambas viraram marchinhas sem a graça carioca. Quem se abraçava virou *hater*, porque ter likes ou ser donatário das insossas cadeiras plásticas é muito mais importante do que tudo, tudo o que você foi um dia: um lugar de gente que se abraçava, que se pertencia por uma hora e meia – ou três – por causa de uma camisa tricolor, mesmo que ela fosse desbotada ou pirateada. Que abraços? Hoje somos todos selfies, frases feitas, tom professoral e uma babaquice de dar dó.

Agora cagaram tudo de vez: inventaram jaulas para que o apartheid seja definitivo. Certa vez escrevi um livro que, em sua apresentação, dizia do combate ao apartheid tricolor. Perdi, mas já dizia o imortal Darcy: é um orgulho estar do lado contrário dos que me venceram.

Às vezes vou ao leste, geralmente quando o time mais precisa: na hora das vitórias, todo mundo vai – ano passado foi assim. Gosto de ficar isolado, às vezes sentado perto de algum torcedor de aparência humilde, cheiro de trem. Então volto a ser criança, a ter futuro e a perceber no amigo tricolor que me desconhece a imagem de um irmão. Tudo definitivamente ao contrário deste mar de bosta com finanças, empresários, torcedores de candidatos, panfleteiros de aluguel, anônimos metidos a subcelebridades, fanfarrões metidos a dirigentes, fanfarrões que pagam de patrão mas são funcionários e demais abestados. Alguém decide se você pode cantar, gritar, vaiar, peidar, respirar. É ridículo.

Eu só queria meu cachorro quente, meu copo de Coca-Cola cheio de espuma, meu olhar de criança sonhando a cada jogo, aquela nuvem de pó de arroz e um pouco de humanidade. Já que é impossível, o que dizer? Descanse em paz, Maracanã. Te agradeço por aqueles anos incríveis entre 1975 e 2010.

Ainda não estou morto. Já, já, volto. O Fluminense vai precisar e as selfies não vão resolver. Agora, não venham me dizer que a imitação gourmet fajuta e flácida supera o original. Jaula é o caralho!

ADIÓS, PENAROL

31/07/19

O grande lance da belíssima vitória de ontem tem apenas três letras, porém absolutamente necessárias: paz. Foi isso: uma classificação em noite de torcida a plenos pulmões deu o gás para dias de confiança, até o importante jogo contra o Inter pelo Brasileirão.

É difícil de explicar porque não se trata de algo lógico, mas o clima positivo nos arredores do Maracanã antes do jogo já dava o tom. Muita gente sorrindo, abraçada, caminhando com calma. Nem parecia o time que estava (ou está) prestes a expurgar o treinador. O Fluminense soube viver muito bem a distinção das competições.

Futebol é gol. Deu no que deu. Fazer dois gols, o primeiro e o terceiro, um no comecinho de cada tempo, deu ao Fluminense a tranquilidade necessária para jogar. E é melhor do que o Peñarol. Então o domínio se consolidou naturalmente. Ressalte-se que a tradicional garra uruguaia preencheu os 90 minutos de jogo mesmo com o time eliminado desde o primeiro minuto, valorizando a vitória tricolor.

Numa noite de intensa aplicação coletiva, Marcos Paulo deitou e rolou – que não o rifem feito João Pedro -, Igor Julião fez um partidaço e Yony Gonzalez alternou sua enorme disposição com os tradicionais momentos de irreverência. Uma terça-feira impecável.

Havia um clima muito tricolor no Maracanã. Na pequeníssima parte que me toca, revi amigos queridos e fiz outros. E vivi um dos momentos culminantes de minha vida de torcedor no segundo tempo, vendo o jogo em pé no túnel da Leste, abarrotado feito nos velhos tempos: 45 minutos no Maracanã ao lado de Fausto Fawcett equivalem a desfilar na Sapucaí em noite de título.

Missão cumprida na Sula, vamos ao Brasileirão. Sábado é dia de recuperação. Bora que a luta é permanente.

Só para constar: o Peñarol é tricampeão mundial. Abraço.

## O GAROTO TRICOLOR DA CDD

08/10/17

Gosto de ver o Fluminense sempre representado nas esferas populares. É uma maneira de contradizer a velha opinião que trata o Flu como um objeto de elite, não de forma elogiosa mas claramente depreciativa. Ao contrário do que sempre é apregoado na imprensa convencional, somos povo, comunidade, favela, subúrbio, trem. O nosso time é grande demais para caber apenas na Zona Sul da cidade, ainda que a nossa história tenha nascido e pulse permanentemente num dos mais charmosos bairros da região. Ah, claro: também somos garbo, luxo, elegância, tradição, tudo isso representado pelos belíssimos vitrais franceses da sede imortal.

Ontem estive na Cidade de Deus para um debate – que, na verdade, foi uma tremenda aula – com amigos queridos e pessoas que há muito admiro de longe (agora, de perto, mais ainda). A vida não anda fácil e claro que ir lá continha alguma preocupação depois de dias de luta e de polícia à solta. Mas botamos o pé no acelerador e fomos na moral – eu nasci para realizar e participar de equipes. Quem lê o PANORAMA sabe.

Chegando à CDD, acabamos entrando numa rua errada, sem saída e, claro, nos deparamos com uma das inúmeras bocas que funcionam num lugar cheio de vida e em muitas outras coisas, boas e más. Até aí, nenhuma vantagem ou o contrário: moro a 200 metros da Secretaria de Polícia Civil, a 600 da Acadepol, a 700 do Batalhão de Choque e isso não impede o estabelecimento de várias bocas na região, na rua mesmo. A turma não estava com armas à vista, demos meia volta e fomos absolutamente ignorados. Garotos, garotos mesmo, escravizados pela “opulência do mercado” – jovem mão de obra descartável para posteriormente engrossar as terríveis estatísticas da violência. Diria o mestre Saldanha: “Vida que segue”.

Vinte metros depois, perto de um excelente campo de futebol soçaita (que deve render altos jogadores ignorados pelos gatunos travestidos de empresários), dois garotos perto de uma birosca, conversando. Talvez uns dez ou doze anos de idade para cada, magriços. Um com uma bola de borracha debaixo do braço e o outro com uma camisa do nosso Fluzão, pouco importando se é pirata porque este é um assunto de ampla discussão. Parecia uma versão infantil do Orejuela. Por alguns segundos tive alívio: no mesmo espaço em que se vê a juventude vencida pela guerra do tráfico, também se encontra o amor ao clube e a paixão pelo futebol, este maravilhoso esporte que, no Brasil, vem fazendo tudo para ter cada vez menos adeptos e admiradores. Uma breve e maravilhosa imagem de resistência tricolor.

Dois minutos depois, chegamos à sede de Os Artistas, centro de cultura da CDD com teatro, vídeo, literatura, uma espécie de Factory carioca. Outros garotos brincavam de descer num descampado ali perto com um colchão, como se fosse um tobogã. Lá estavam os queridíssimos escritores Ernesto Xavier (nosso orgulho do PANORAMA) e Erika Takimoto (que escreveu conosco “2014: o espírito da Copa), além da mediação da jornalista Flávia Oliveira (que é linda, simpática, articuladíssima como já sabemos da TV, com uma bagagem continental de informações e uma simpatia avassaladora, tudo exatamente ao contrário dessa meia dúzia de pretensos “formadores de opinião tricolor”, o que também é outra

evidente lição). Duas horas de aula sobre a produção cultural do subúrbio, o caos da cidade e do Brasil, tudo muito mais. Aprendi muito.

Saímos da CDD umas nove da noite, tranquilamente. No pequeno percurso até a Estrada do Gabinal, procurei pela rua o garoto tricolor. Já estava tarde, sabia que seria difícil revê-lo, mas não tem problema: a imagem ficará para sempre. Aquela surrada camisa do Fluminense era uma espécie de grito em meus delírios sentimentais, algo como “Nem tudo está perdido, pode haver a paz, há o Fluminense”, e tudo isso numa situação para cachorro grande mesmo, onde a arrogância covarde de *tuítes* e *pôstis* não tem vez.

Finalizando: o Tricolor tem uma enorme torcida popular, espalhada nas Zonas Norte e Oeste do Rio, que precisa ser resgatada. O Maracanã só viveu cheio quando o trem trazia as massas populares para o estádio, e hoje ele anda mais vazio do que de costume em tais ocasiões. A ausência dessa turma maravilhosa explica os indesejáveis buracos na nossa arquibancada – e eles já haviam ficado de fora desde quando assassinaram a geral, no distante 2005.

## O AMBULANTE TRICOLOR

26/06/17

Ontem, por volta das sete da noite, eu conversava com Fagner na praça São Salvador quando começamos a conversar com um ambulante. Ele vendia suas bebidas num carrinho e, para nosso orgulho, usava camisa e gorro do Fluminense. Um tricolor de luta e trabalho num país marcado pela desigualdade. Tudo em pleno aniversário do imortal gol de barriga, 21 anos..

Nos contou que foi funcionário da limpeza do clube por anos a fio, no passado, coisa de dez ou quinze anos talvez. Um dia pediu demissão, por motivo insólito: seu superior imediato o proibia de ir à sede em dias de folga. Tricolor apaixonado que era e é, sem se vangloriar de capacetadas e tuitagem, tendo como sua única força a vassoura com o pano de chão, preferiu ir embora a ser repellido de estar no clube.

Com sua camisa tricolor surrada, algo em torno de 2003 ou 2004, contava-nos de sua esperança numa vitória logo mais, apertada, 1 a 0, gol de Gum, esse mesmo de tantas lutas e que foi personagem da mais estranha pichação dos muros tricolores em todos os tempos, já falada aqui hoje pelo Fleury e tantos outros próceres tricolores.

Em tempos onde o clube vive sua eterna luta política fratricida, com direito pleno à negação do passado e do presente, no que há de melhor e pior, e verdadeiros desrespeitos à mínima inteligência alheia e aos princípios rudimentares da Matemática, prevalecendo os ataques pessoais e as manchetes encomendadas em vez da troca de ideias e do entendimento, sempre atrapalhando o campo, nosso ambulante de ontem foi uma lição: Fluminense de cima abaixo, na pobreza e na labuta, com humildade, feliz pelo seu próprio sentimento. Um Fluminense da falecida geral, das cadeiras azuis a cinco reais, dos jogos de pouca gente onde até se ouvia o grande Victorio Gutemberg narrar com clareza as substituições – “Sudeeeeerj informa”.

Um Fluminense que precisa ser resgatado e cultivado. Nenhuma das maiores equipes do mundo atual consegue viver apenas em função de seus torcedores das classes mais abastadas. O mundo corporativo não abre mão da clientela de renda mais modesta. Se queremos ser modernos, e é um fato, nada mais natural do que reencontrar o passado onde o Flu era um patrimônio afetivo de todos. Como isso pode ser feito é palavra dos próceres do ramo. Taí o football alemão que não nos deixa mentir.

Minutos depois, conversávamos ainda perto do nosso ambulante torcedor quando um velhinho tropeçou e caiu de peito na calçada de pedra. Por sorte, foi só um susto – apenas arranhou uma das lentes do par de óculos. Fagner o levantou e juntos o levamos até a porta de seu prédio, cinquenta metros adiante, no imponente e veterano edifício Presidente Vargas. Basta ter uma atmosfera de Fluminense e a gente já toma um susto inesperado.

Quando fui embora, nosso herói tricolor estava firme nas vendas. Em pleno aniversário de 21 anos do gol de barriga, nenhuma imagem podia ser mais significativa do que a dele: o proletário, o brigador, o que defende cada dia com raça e dignidade. Um Fluminense de verdade.

## FLUMINENSE, GIGANTE NA ARQUIBANCADA OUTRA VEZ

29/08/19

Hoje é um grande dia para o Fluminense, independentemente do resultado de logo mais.

É claro que todos queremos vencer de qualquer maneira – só os sem caráter torcem contra, por motivos escusos. E precisamos muito desta classificação em todos os sentidos: moral, emocional, esportivo, financeiro e outros.

Porém, é futebol: tudo pode acontecer em campo. Temos confiança, mas sabemos dos riscos. Podemos nos classificar, confiamos nisso, mas a certeza é impossível.

De toda forma, antes da bola rolar o Fluminense já conseguiu uma grande vitória, daquelas que não conhecia há cinco anos, daquelas que tantas vezes conseguiu no velho Maracanã, pouco importando se o time era espetacular ou humílimo.

A volta da massa tricolor às arquibancadas.

Um grande clube com uma torcida de grande clube.

Por muito tempo, pouco importando a fase em campo, a torcida tricolor foi muito maltratada. Basicamente, chamada a palavras de ordem do tipo “Vá, porque é sua obrigação”. E todos sabemos que qualquer obrigação dificilmente rima com prazer, alegria, amor. Havia um desalinhamento. Somado a anos de gestão estapafúrdia e má comunicação, aos poucos a torcida foi se afastando. Deixou os clássicos (e ainda precisa voltar), os jogos importantes e, por fim, os jogos comuns.

Ir a uma partida do Fluminense é, para qualquer tricolor, o exercício de torcer loucamente pelo time e torcer por vitórias, naturalmente, mas não era nem é a única razão.

Se homens de 50 ou 60 anos de idade hoje ainda são apaixonados pela arquibancada das três cores imortais, é porque um dia foram cativados por um mar de bandeiras, uma nuvem de pó de arroz, uma sensação de pertencimento que os trouxe até aqui. E esse mesmo pertencimento andava alheio, a ponto de nem mesmo jogos de luta contra o rebaixamento nos dois últimos anos terem feito grandes públicos tricolores.

É claro que o jogo decisivo chama público, que a atuação de garra diante do Corinthians animou, mas o que mexeu mesmo com a torcida do Fluminense é que de um mês para cá, ela foi chamada à casa, às raízes. Ainda que muitos feito eu sonhem com a possível volta dos jogos às Laranjeiras, e esta seja a nossa prioridade, a presença de milhares de tricolores no campo sagrado para ver as partidas da Sul-americana mexeu com o nosso imaginário coletivo. E num rompante a paixão tricolor voltou a ser tesão, presença, esperança.

Deve dar 50 mil tricolores. Quem sabe 60 mil? Já colocamos 80 ou 90 no passado, era muito diferente. Temos gente para isso. Faltava cativar, abraçar, aproximar.

Não, isso não nos faz apagar nenhum dos inúmeros problemas que atingem o Tricolor, nem garante a vitória. Mas não resta dúvida de que, desde 2014, será nossa maior noite, a noite em que o Fluminense volta a estampar nobreza em todo o Rio de Janeiro por meio de uma imensa bandeira humana cobrindo o novo Maracanã. O que faz a história dos grandes times é a grandeza da torcida, de modo que não podíamos mais prescindir disso.

Tricolores, é uma noite de esperança. Uma procissão de *vert, blanc, rouge*. Uma noite das crianças olharem para qualquer lado e sentirem necessidade de perseguir o Fluminense para sempre, só para sentir tudo aquilo. Tudo muito diferente do ódio e da má fé encomendada nas redes antissociais.

Nunca deixamos de ser grandes, mas nesta quinta-feira as arquibancadas serão a fotografia imortal de uma história de décadas e décadas. Que o melhor suceda. Que uma grande classificação abra o caminho para a recuperação no Brasileiro.

Oxalá o carnaval aconteça.

## CARLOS ALBERTO TORRES, O CAPITÃO

25/10/2016

Quando comecei a entender quem eu era, com sete ou oito anos de idade, ele era o Capitão, com letra maiúscula.

O exemplo a ser seguido, o paradigma da vitória.

Anos antes, ao folhear o álbum de figurinhas que meu pai fazia, lá estava o Capitão erguendo a taça que era o orgulho nacional, e que os podres poderes jogaram numa fundição.

Carlos Alberto Torres, um dos maiores jogadores de todos os tempos.

O torcedor tricolor pode escolher.

Há o jovem Torres, menino e campeão em 1964 ao lado do incomparável Castilho.

Mais de dez anos depois, o atleta maduro, sob dúvidas, novamente consagrado como o líder da Máquina Tricolor – o mais famoso dos times que o Fluminense já escalou em campo na sua história.

Ao lado de uma Seleção Brasileira inteira – assunto que ele entendia como ninguém -, Torres pavimentou o caminho para que um jovem craque tricolor da defesa seguisse suas mesmas trilhas: Edinho.

Em 1984, o treinador que herdou um timaço tricolor em momento conturbado, mostrou em público a “bolinha” do rival da Gávea e levou o Flu a mais um título monumental, do mesmo jeito que fizera quando era uma das feras do gramado.

Tal pai, tal filho: Alexandre Torres foi um dos notáveis zagueiros do Fluminense.

Desde então, Carlos Alberto treinou times, comentou futebol e foi tratado com reverência em todos os lugares por onde passou. Não bastasse ser quem era, ainda teve ao lado monstros como Gerson, Paulo César, Tostão, Rivellino, Jairzinho e outros próceres da história do melhor futebol brasileiro que já vimos.

Mas só ele marcou o mais espetacular gol de todas as finais de Copas do Mundo até hoje.

Carlos Alberto Torres ajuda os torcedores – e dirigentes – mais jovens do Fluminense a entender quando muitos cobram da equipe, da diretoria e do clube. Ele foi uma das sementes que as nossas três cores plantaram no futebol do planeta.

Garra, talento, ímpeto, atitude, postura.

Nunca se encolheu em intempéries, enfrentou todos os obstáculos de forma destemida e ainda ofereceu um show que continuará para sempre.

Outro dia eu era um garoto admirando sua fotografia num álbum de figurinhas. Era o Capitão do Tri, o líder da Máquina, meu botão e objeto de admiração. Precisamos trabalhar desde hoje para que os garotos de 2056 tenham o mesmo sentimento ao virem jogadores em fotos com a camisa do Fluminense.

Carlos Alberto Torres, o paradigma da vitória, o paradigma tricolor.

BLACK FLU

20/11/19

Neste 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, sempre é bom lembrar de heróis e batalhadores do Fluminense que representam a causa, dentro e fora de campo.

Só no samba, de cara encontramos Cartola, Noca da Portela, Wilson Moreira e Marquinhos de Oswaldo Cruz para começar. É claro que Gilberto Gil também passa por esse e muitos outros elencos da música. Bom, a lista de artistas negros tricolores é infundável.

Foi o mesmo samba que muitas vezes impulsionou as escalações do Fluminense para vitórias e conquistas inesquecíveis das arquibancadas do Maracanã.

Não há como pensar em Assis e Washington, siameses da vitória, eternos bustos nas Laranjeiras. Pelo Fluminense, o Casal 20 teve companheiros como Aldo, Wilsinho, Ricardo Cruz e Renato "Cotia".

Vamos ao time guerreiro de 1995, protagonista da maior vitória tricolor de todos os tempos. Lá estão Ronald, Lima, Lira, Márcio Costa, Aílton, Djair. Sangue negro em defesa eterna das três cores.

O maravilhoso time de 1980, quase sempre com um lindo uniforme branco da adidas, era a negritude em força máxima com Edevaldo, Tadeu, Gilberto e o espetacular Cláudio Adão. Edevaldo foi o sucessor de Miranda, o Trésor brasileiro.

Nossa imortal Máquina Tricolor, o mais emblemático escrete da história do clube. Carlos Alberto, Rodrigues Neto, Pintinho, Paulo Cezar Caju. Antes dessa turma maravilhosa, o xerifão do Fluminense era Denílson, o Rei Zulu consagrado por Nelson Rodrigues. Muitos anos depois, o zelador da cabeça de área seria Marcão, hoje à beira do campo.

Que outro clube fez dois laterais negros campeões do mundo na mesma Copa? O Fluminense, com Jair Marinho e Altair no Chile em 1962. O esquadrão tricolor dos anos 1950 e 1960 também tinha Pinheiro, Jair, Didi, Waldo, Veludo, Escurinho.

O arranque para a reação imortal de 2009 estava desenhado nas canelas finas de dois jovens azougues negros: Allan e Maicon. No ano seguinte, Gum e Leandro Euzébio seguraram as pontas para um título fundamental.

Mesmo nas vitórias e passagens efêmeras, o Fluminense carregava sangue negro demais. Pode ser com Fabinho e Wellington Monteiro, com Ygor, com Odvan, Ademílson, Macula, Macalé, com Jorge Luís. E o miolo de zaga fantástico com Valber e Torres? O goleiro Adilson? As arrancadas de João Santos. As tentativas de Neinha e Jasson.

Até aqui, falou-se de gente séria e coisas idem, mas é bom que se diga: um dos ícones do humor brasileiro não perdia um jogo sequer do Fluminense com seu radinho de pilha, fosse no Maracanã ou nas Laranjeiras – o imortal Tião Macalé.

Uma das mulheres mais bonitas da torcida tricolor contemporânea ostenta sua beleza, negritude e imensa politização pela Europa. Chama-se Jéssica. Ela é um exemplo de muitas e muitas outras que estão regularmente acompanhando o nosso time. Uma delas mora aqui em casa.

Um dos mais talentosos artistas contemporâneos brasileiros, cronista desta casa, símbolo de militância negra e de beleza também, é o querido amigo Ernesto Xavier.

Nas arquibancadas, o jovem Leandro Carvalho desfraldou as mesmas bandeiras e comandou a mesma massa que Chico Guanabara desbravou há muitos e muitos anos.

Ainda há um montão a ser feito e conquistado, mas já temos um bocado de histórias capazes de provar que a nossa elite é de todas as cores.

A valorização da consciência negra é permanente.

A luta contra o racismo é uma causa de todo e qualquer cidadão razoável.

O Fluminense é de todxs.

Viva a consciência negra.

Abaixo o racismo!

Abaixo a homofobia, a intolerância religiosa, a homofobia, a gordofobia, a xenofobia e todas as formas de opressão.

## A APOTEOSE DE 1980

01/12/19

Parece que foi ontem, mas o último time campeão que o Fluminense teve praticamente todo formado na base comemora hoje 39 anos.

Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens Galaxe; Deley, Gilberto e Mário; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé. Uma escalação inesquecível para os tricolores com 50 anos de idade ou mais.

Time formado por falta de recursos em tempos de crise, com a ascensão de juniores e ex-reservas. De contratados, apenas Cláudio Adão e Gilberto.

Rapidamente o que era dúvida virou certeza. A goleada sobre o Botafogo, a virada sobre o Vasco e o empate com o Flamengo mostraram que o Fluminense iria mais longe – todos os três tinham times fortes. Quase sempre jogando todo de branco, o Flu se credenciou para a final do primeiro turno, conquistando-o depois de 4 a 1 nos pênaltis.

Depois de um segundo turno opaco, veio a surpresa: Flamengo eliminado com o eterno gol de Anapolina, Vasco campeão do segundo turno e chegou a grande final.

Num domingo de chuva, os dois clubes decidiram o Carioca. Aos 22 minutos do segundo tempo, Edinho cobrou falta, Mazzaropi bateu roupa, a bola molhada tocou na trave e entrou. O gol solitário premiou o melhor time do Rio naquele ano.

Comandado por Nelsinho, o Fluminense era uma maquininha de jogar bola: a zaga era impecável – Edinho era o melhor zagueiro do Brasil, o meio de campo era impecável e ninguém segurava o ataque. Cláudio Adão não ficou duas temporadas inteiras no clube, mas está entre as melhores médias de artilharia entre os jogadores que fizeram mais de 50 gols – e se tivesse jogado por seis ou sete anos, teria feito 300 gols. Este maravilhoso time não duraria mais do que dois anos, mas logo depois teria um sucessor à altura: o timaço de 1983.

Edevaldo, Edinho, Deley, Mário, Robertinho, Cláudio Adão e Zezé passaram pela Seleção. Paulo Goulart pegou pênaltis espetaculares. Nelsinho foi um craque à beira do gramado. Edinho foi o monstro dos monstros, um gigante, um líder. A torcida era linda demais e cada jogo no Maracanã tinha uma espessa nuvem de pó de arroz. O único pesar foi justamente a morte de Cartola, orgulho do clube e da música brasileira, ter acontecido justamente no dia do título, mas até nisso a conquista foi especial: serviu de réquiem para o sambista maior.

Quase quarenta anos depois, a mocidade independente do Fluminense ainda ecoa no peito de muitos corações tricolores adultos. Foi a redenção do Flu depois da Máquina. Agora, se o ano tricolor de 1980 tivesse o nome de um único jogador, não há dúvidas: seria Edinho.

GERSON 80

11/01/21

Gérson hoje completa 80 anos de idade. Um dos maiores jogadores de todos os tempos, um monstro. Pouco importa que tenha jogado no Fluminense em seu final de carreira, ou que tenha sido por duas temporadas somente – o tempo de idolatria não é medido em anos. Basta pensar que, na época mais importante da história do futebol mundial, quando a Seleção Brasileira ganhou três das quatro Copas que disputou entre 1958 e 1970, dois de seus principais jogadores foram Didi e Gérson, símbolos do melhor futebol do planeta – e ambos defenderam as cores do Fluminense. É impossível contar a história de Gérson em uma coluna, então apenas falarei de dois momentos que vivi com o Canhotinha de Ouro.

O primeiro, em 2005, foi a primeira vez que entrevistei uma personalidade que torcia para o Fluminense. Eu estava com Raul e Rita Sussekind, mais Álvaro Dória, intermediados que fomos pelo Seu Celso para a entrevista com Gérson, realizada no Estádio de Caio Martins. Ao contrário do habitual bom humor em frente às câmeras e microfones, o Gérson daquele dia foi muito sério, como se estivesse jogando uma partida. Conversamos por três horas, falando sobre tudo e, num momento, foi emocionante demais quando ele contou que sua estreia profissional no rival da Gávea foi em 1960, depois de ter disputado as Olimpíadas de Roma. Ao entrar em campo, ele se sentiu bastante estranho em ver a sua torcida como rival, mas durante o jogo é que veio o drama: num choque com seu ídolo Castilho, Gérson teve uma séria pancada nas costelas, precisou sair de campo na maca e ficou um tempo sem jogar. Emocionado àquela altura, ele lembrou que, em todas as vezes que encontrou Castilho, em partidas e fora delas, o eterno goleiro tricolor lhe pedia desculpas pelo involuntário acontecimento – e foi impressionante ver com o tempo a quantidade de pessoas que, ao falar de Castilho, se emocionaram.

Quis o destino que eu tivesse a oportunidade de dividir a mesa com Gerson nos tempos em que ele trabalhava no SBT. Estive lá algumas vezes, a convite da querida produtora Natália Pereira. Eu achava incrível como ele, Garotinho e Gilson Ricardo mal se viam a um ou dois minutos antes de entrarem no ar e, a seguir, mostravam o entrosamento fantástico sobre todos os temas. Coisa de craques. Pois bem: no programa havia uma cena cômica em que Gérson literalmente chutava o balde em alguma crítica. Sentado ao lado dele, tive a oportunidade de vê-lo chutar o recipiente com efeito, fazendo uma curva por cima das câmeras e quicando ainda com efeito no fundo do estúdio. Lamentei não poder gravar a cena no smartphone e foi o mais próximo que eu pude estar de uma jogada feita por um tricampeão mundial, o que me permitiu entender o que jogaram aqueles caras – quando Gérson deu esse chute, já tinha mais de 75 anos de idade.

É um orgulho saber que um dos maiores jogadores de todos os tempos defendeu as cores do Fluminense, foi campeão e, como se não bastasse, torce pelo Flu como se fosse de uma T.O. Isso não é de hoje: décadas atrás, quando os jogos de futebol eram até escassos na TV, lá estava o velho Gerson acompanhando o Fluminense como nunca. No histórico Campeonato Carioca de 1995, ele fez parte da equipe da Band com Januário de Oliveira e Pierri Carvalho – era o Fluminense nos microfones até debaixo d'água.

Que Gérson chegue a cem anos. Ele, o Fluminense e o futebol merecem.

EDINHO 66

05/06/21

Em certo momento que comecei a ir aos jogos do Fluminense com regularidade, levado por meu pai, Edinho era o único remanescente do mais emblemático time da história tricolor, a Máquina. Embora jogasse, treinasse e desse entrevistas como um veterano, ele tinha apenas 23 anos de idade (hoje em dia os jogadores não estão maduros...) e já tinha superado um apedrejamento nacional por sua improvisação como lateral-esquerdo na Copa do Mundo de 1978. Aos 25, conduziu o Flu para um título monumental sobre o Vasco, não lhe bastando ser apenas o líder e o capitão da equipe, mas também o artilheiro da vitória final.

Egresso do futebol de praia e dono de condição física invejável, muitas vezes ele levou o time tricolor da defesa ao gol adversário com arrancadas fulminantes. Em algumas ocasiões, fez três gols numa só partida, algo raríssimo em se tratando de zagueiros e, hoje em dia, até de atacantes.

Jogou três Copas do Mundo e deveria ter sido titular em todas. É difícil crer que o Brasil tomasse três gols da Itália em 1982 com Edinho em campo.

Para todos os garotos tricolores do fim dos anos 1970, Edinho era a referência, a liderança. Seríssimo em todas as entrevistas, ele chegava a criticar atuações em que o Fluminense havia goleado o adversário. E qualquer torcedor que acompanhasse os treinos nas Laranjeiras via o zagueiro treinando, treinando até depois do treino, cobrando incontáveis faltas.

Depois de anos no exterior, Edinho quis voltar ao clube. Para variar, os dirigentes criaram caso. Ele foi para o Flamengo, ganhou títulos mas só fez um ano de contrato, sonhando em retornar para as Laranjeiras, o que felizmente acabou acontecendo. Depois, uma nova besteirada de cartolas fez com que saísse. Resultado: campeão da Copa do Brasil pelo Grêmio. Ele ainda ganhou duas Taças Guanabara como treinador, levando o Flu a duas finais de campeonatos cariocas.

Entrevistando João Batista Pinheiro em 2010 com Álvaro Dória e Raul Sussekind numa divertida noite no Tijuca Tênis Clube, perguntei ao mestre sobre quem tinha sido o maior zagueiro do clube, além dele próprio. Pinheiro, campeão mundial pelo Fluminense e uma referência tricolor por meio século, não titubeou: "Foi Edinho. Ele foi o maior zagueiro da história do Fluminense". Não foi a primeira vez que Pinheiro disse aquilo, mas para mim foi a definitiva.

A maneira como Edinho jogava, com garra, talento e atitude máximas, não me inspirou apenas como torcedor. Foi uma lição que tenho carregado por toda a vida, seja no trabalho ou na vida pessoal. Tudo precisa de garra, talento e seriedade, seja o que for: tanto faz se você vai lavar uma roupa, carregar uma caixa ou escrever um livro. Vi de perto sua história no Fluminense e posso dizer com segurança: com ele em campo, ganhando ou perdendo, o Fluminense sempre foi gigante, jogando para vencer. Toda vez que o Flu deixou escapar

uma vitória, seja num jogo simples ou numa decisão, eu sempre penso: se ele estivesse em campo, seria diferente.

Se tenho alguma importância para o Fluminense como torcedor ou escritor, muito disso veio dele, lá atrás, há quarenta anos, quando ele se recusava terminantemente a perder qualquer partida.

Foi o Fluminense que eu vivi.

O FLA x FLU DE BOB DYLAN

13/10/16

Hoje é o Fla x Flu.

Deixem de lado as politicagens e os arques.

Às favas com os doces tirados das mãos das crianças.

Chega de mágoa e ódio que só alimentam as mentes primitivas.

Hoje temos a missão de vencer o eterno pré-campeão, o devastador de tabuadas, o argentino enrustido. Hoje é o Fla x Flu, em memória de Barthô, Romeu, Telê, Castilho, Assis e Washington.

O clássico maior que precisa voltar a ser disputado no estádio cheio, aquele que ficou no lugar do falecido Maracanã.

Nós contra eles. A guerra das cores, das bandeiras.

Eles têm multidões, nós temos humanidade.

Eles falam de ídolos, nós celebramos títulos.

O Fla x Flu da Rua Guanabara, de São Januário, de General Severiano, de Ítalo Del Cima, Caio Martins, Mané Garrincha, Castelão e tantas outras praças. Vencer significa dar mais um passo rumo à confirmação da vaga à Libertadores 2017 e isso é o mais importante.

Não que baste para o Fluminense, mas é o que podemos alcançar por ora. O Fla x Flu dos 3 a 2 de 1969, dos 4 a 2 de 1973, dos 3 a 0 de 1975, dos 3 a 0 de 1979. O Fla x Flu de Assis, de Renato Gaúcho, de Fred em 2012 – com seu lindo voleio usurpado por um lambe-lambe – e até mesmo de Roni na Sulamericana de 2009. O Fla x Flu daquele golaço de Conca no 2 a 2. O Fla x Flu do créu.

Eles também têm suas belas histórias para contar, mas aqui vamos celebrar as nossas. Ainda é possível ouvir os ecos da conquista de 1941 com o empate em 2 a 2 na Lagoa – que eles insistem em chamar de Gávea. Uma ou duas bolas navegando as águas outrora límpidas da Rodrigo de Freitas, enquanto os perdedores do título corriam feito loucos para buscá-las, ansiando por uma vitória que jamais viria e é somente nossa, eternamente nossa.

Qualquer Fla x Flu vale a pena, porque em cada um deles temos a sensação de que é o jogo que nunca termina – as dívidas de caráter contraídas desde 1911/1912 ainda estão muito vivas.

Qualquer, mas qualquer Fla x Flu mesmo, tanto faz se debaixo de uma tempestade em 1986 com “apenas” vinte mil pagantes, ou na geral sofrendo com os segundos intermináveis de Amauri carregando a bola até vencer a meta rubro-negra e marcar um a zero no último minuto.

Hoje é dia de Fla x Flu e o Fluminense precisa vencer mais do que nunca, subir mais do que nunca, mostrar que é o time que desafia definições até mesmo quando seu propalado planejamento fraqueja – mas as camisas em campo são pedras que rolam, não criam limo e, por isso mesmo, bebem da água da fonte da juventude – ou do mar da tranquilidade.

O Fla x Flu é a força que nunca seca, a água que nunca renega o mar, o vento que alimenta as tardes áridas, o amor que incendeia corações tristes. Vençamos este jogo: é o sentido.

Em minha coluna anterior, publicada ontem, escrevi “Já adulto, aprendi que Bob Dylan, o maior artista estadunidense vivo, saiu da casa dos pais para sempre depois de ter lido “On the Road”, o clássico de Jack Kerouac. O Fluminense foi, para todos os garotos da minha geração, uma espécie de interminável livro dos dias – o nosso “On the Road”.

Éramos as crianças de colo da Máquina, jogadas para o alto a cada grande apresentação daquela equipe monumental. Lemos aquele livro de três cores em plena alfabetização e nunca mais deixamos de relê-lo a cada dia, a cada semana, a cada jogo, a cada renascer”.

Jack Kerouac fez a cabeça de Bob Dylan e este, a minha. Eu o escuto regularmente desde os nove anos de idade, há quadro décadas. Tenho todos os seus CDs oficiais, todos! Fã de uma ponta à outra. Eu o conheci num álbum de figurinhas chamado “Multicolor”, com cromos sobre música, esporte, geografia e outros temas. Aquele nome logo me despertou curiosidade. Pouco tempo depois, pude ouvir seus LPs e, de lá para cá, eu o persegui da mesma maneira que persigo o Fluminense. Aliás, o tempo do álbum também era do da inesquecível Máquina Tricolor, e isso deve fazer todo sentido.

O maior artista estadunidense vivo e um dos maiores nomes da história da música.

Também descendente direto da tradição trovadora de Woody Guthrie e da poesia magistral de Walt Whitman, Bob Dylan tem honrado a prosa e a literatura há meio século. O que dizer de um artista que mudou o pensamento dos Beatles?

Nesta quinta-feira, Bob Dylan colocou seu nome no Olimpo da Literatura Mundial, ao vencer o Prêmio Nobel. Toda comemoração será pouca.

Pouco importa o que diz a mofada realidade: para mim, Bob Dylan é tricolor de coração. Este Nobel justamente no dia de um Fla x Flu não é coisa à toa. Ponto.

## A MÁGICA DE AFONSINHO

22/11/18

Na terça-feira passada, participei de uma mesa de debates na FLIPA – Festa Literária de Paquetá – ao lado de outros escritores amigos. Raras vezes me senti tão bem em um lugar. As pessoas, a amabilidade, a calma da ilha, o cheiro das letras e, principalmente, ter um dia de alegria depois do verdadeiro inferno que foi a noite de segunda-feira no Maracanã.

Ao término da FLIPA, fomos para a festa de encerramento no Quintal da Regina. Um bar de primeira, com pizzas e cachacinha de primeira. Ah, e com uma biblioteca, creiam: homenagem da Domício Proença Filho, imortal da ABL e prócer de Paquetá. Em certo momento, vinha um camarada passando e, claro, outra referência da ilha, do Rio, do Brasil e do nosso futebol: Afonsinho. Foi então que me reencontrei com o Fluminense que mais amo – o que eu vivi.

Finalmente pude abraçar meu botão de 1981. Afonsinho, um dos maiores craques do futebol brasileiro, tem uma história que já virou filme, livro e merece uma peça de teatro com grandes atores. Antes de Sócrates, ele já era o Doutor dos gramados do país (é médico de profissão e ofício) e, com sua coragem, desafiou a ditadura dos cartolas e políticos (vejam “Barba, cabelo e bigode” por favor, ou pesquisem no *Gúgol*). Craque dos quatro grandes cariocas, do Santos (ainda com um tal de Pelé), seria nome certo nos mundiais de 1970 e 1974 caso o Brasil fosse um país normal à época, se me entendem.

Jogou no Fluminense por apenas três meses no final de 1981, onde encerrou a carreira. Foi o suficiente. Naquele tempo eu sonhava com tempos melhores que só viriam dois anos mais tarde. Mas o fato é que Afonsinho fez do Fluminense um canto do cisne maravilhoso.

Os jornais da Biblioteca Nacional não deixam mentir: em quase todas as partidas daquele período, disputadas pelo Carioca que valia muito a pena, ele foi ou o melhor em campo, ou um dos melhores e sempre o coordenador das jogadas do Flu – num meio que tinha também os jovens Deley e Mário, duas feras que dispensam apresentação para quem os viu.

Foi o que eu precisei para que se tornasse meu ídolo, muitas vezes no estádio, noutras na velha Rádio Globo com Jorge Curi narrando, Saldanha comentando e outros craques na latinha. E claro, meu pai tratou de me contar a história de Afonsinho num todo, o que só fez aumentar minha admiração, a ponto de tê-lo registrado em um dos meus livros tricolores que, para muita gente que leu, é o mais bonito de todos.

Há tempos eu já cogitava entrevistá-lo, bater um papo, trocar um abraço etc. Temos amigos em comum como Antonio Leal e Thereza Bulhões (nossa cronista do PANORAMA). Depois de tantos anos, finalmente falei com meu herói, tudo registrado pelo nosso craque Silvio Almeida. Noite de gala em Paquetá: livros, comida, bebida, amizade e, por alguns instantes, as lembranças dos melhores anos da minha vida. O Fluminense de Afonsinho foi efêmero e sem títulos, mas jogou de cabeça erguida, com a bola nos pés e uma elegância que é até difícil de descrever.

O Flu de 1981 estava em crise, mesmo com um meio de campo formado por Afonsinho, Deley e Mário (o craque da 10, favor não confundir com subcelebridades). Tinha Paulo Goulart e Paulo Victor, o heróico Rubens Galaxe, o bravo Aldo, Robertinho e outros.

Um time que, se fosse hoje, seria vinte vezes melhor do que o atual (ainda que este, se fosse minimamente melhor treinado/escalado/reforçado, poderia oferecer resultados melhores do que os que temos visto).

SERGUEI ROCK FLU

01/05/16

Neste sábado, estive em Saquarema com o Rodo, nosso colega de PANORAMA, para entrevistar Serguei, o ícone dos primórdios do rock no Brasil.

O homem que teve Janis Joplin a seus pés. E Jimi Hendrix em conversas camaradas. Jim Morrison também.

Uma conversa de horas e horas que ainda vai dar repercussão.

Falamos um pouco de tudo: o Brasil, os Estados Unidos, Sergio Murilo, Raul Seixas, Ademilde Fonseca, Emilinha Borba, Rádio Nacional, as nuances da noite de Copacabana.

O louco que de louco não tem nada. O libertário. O hippie que vive numa casa-tributo quase sem dinheiro e um milhão de histórias que nenhum dinheiro compra. O roqueiro errante, de discos esparsos e controversos, afora o inegável talento. Do ídolo que canta na varanda de casa e os carros param imediatamente para vê-lo.

O grande vocalista que, aos 82 anos, continua afinado, bluesy e mostrando em francês como ensinou uma versão para ninguém menos do que Elizeth Cardoso, a única cantora do Brasil para quem Elis Regina pode ter batido continência – embora tenham discutido em público.

Tudo isso e muito mais, a virar livro e filme.

Num dado momento, falar de setenta anos de arte ficou pequeno. Ao presentear Serguei com uma bandeira do Fluminense, o mundo ficou de lado e foi trocado por aquele Maracanã que não mais existe. O roqueiro voltou a ser um garoto torcedor apaixonado.

Cobriu-se com a bandeira. Falou de mil admirações por Castilho, que nele provoca ainda mil sensações e uma empolgação. De seu sonho em ser rico para cobrir a arquibancada inteira de pó de arroz – jogado de helicópteros – e espantar os urubus. De Fred, ídolo dos mais jovens. A bandeira linda, que a todo custo ele já queria colocar na entrada do Templo do Rock. De querer uma camisa do Fluminense e de poder voltar às Laranjeiras para ver os jogadores – ele irá! Nós iremos!

O homem que fez milhares de pessoas cantarem, rirem e chorarem no Rock in Rio de 1991 era, num súbito, uma criança apaixonada por seu time do coração, criada numa família completamente tricolor.

Já tive a honra de entrevistar torcedores ilustres do nosso time, dezenas deles. Gilberto Gil, Maria Bethânia e Ivan Lins são alguns deles. Mas neste sábado em Saquarema tive um dos dias mais especiais da minha vida.

Serguei é tricolor demais. Daqueles que se comovem com a chegada de uma das nossas bandeiras, voltando dos 80 aos 8 anos de idade. Em tempos em que se discute quem é

“mais” tricolor do que outros, só uma definição roqueira o traduz: ele é tricolor pra caralho, baby! É Rock Flu.

Antes de nos despedirmos, cantou “Bridge over troubled water”, o hino de Simon & Garfunkel. Uma canção que fala de uma amizade indestrutível, de fraternidade, de fidalguia. Nada pode ser mais Fluminense do que isso.

Um verdadeiro antídoto contra a empáfia dos que querem ser mais importantes do que realmente são.



XEXÉO, TOSTÃO E LEÔNIDAS DA SILVA

29/06/21

A morte do escritor, jornalista e dramaturgo mexeu com o emocional de muita gente importante na imprensa e na vida cultural brasileira. Contudo, uma situação me chamou atenção: em diversos momentos tanto na Globo quanto na GloboNews, ao ser mencionado o fato de Artur Xexéo ser torcedor do Fluminense, imediatamente alguém dava a réplica dizendo que isso era por acaso, que ele não ligava para futebol, enfim, num tom estranho que parecia querer minimizar o fato.

É certo que Xexéo não era um torcedor das arquibancadas, mas nem precisava sê-lo: João Gilberto, por exemplo, foi um apaixonadíssimo torcedor do Vasco, embora não haja registro de suas passagens pelo Maracanã ou mesmo São Januário. Aliás, não há registro da presença de João em quase nenhum lugar, exceto no Olimpo da nossa música popular. Gilberto Gil e Maria Bethânia são torcedores apaixonados do Fluminense, ele dedicadíssimo e ela mais pela paixão que aprendeu com o pai. Os dois me falaram pessoalmente. Nossa maravilhosa Fernanda Montenegro é absolutamente tricolor, e não se espera que conheça todas as escalações que tivemos no século XXI. Vale o mesmo para Ângela Rô-Rô. Já a atriz Fernanda Rodrigues sabe tudo de Fluminense. O bom Serguei, de quem tenho a honra de ser biógrafo, estava sempre de olho no Fluminense, louco por Fred, mas sem esquecer do nosso time dos anos 1950, em especial Castilho, definido pelo biografado como um homão.

Por que se deveria evitar o fato de Artur Xexéo ser torcedor do Tricolor? Um negócio sem pé nem cabeça.

Nesta terça, me deparei com uma postagem de Ricardo Cravo Albin, uma das referências da pesquisa musical brasileira e, claro, torcedor do Fluminense, falando sobre Xexéo. E aí o mestre não deixou dúvidas sobre sua a paixão do jornalista por Castilho, o legendário arqueiro das Laranjeiras.

Xexéo, celebrado merecidamente pelos colegas como uma biblioteca ambulante, recheada de nomes de atores, peças, filmes, novelas e quinquilharias das ruas – no melhor estilo do botafoguense Ivan Lessa -, levava como uma de suas referências o goleiro do seu time. Qualquer que seja a justificativa, ela passa pelo torcer. Não se idolatra Castilho em vão.

Lembro de um nome fundamental da história da imprensa esportiva brasileira, dotado de texto primoroso, que era um apaixonado torcedor do Fluminense, embora jamais tenha demonstrado em público: Teixeira Heizer.

Com o tempo, a imprensa apagou as paixões de Tostão e Leônidas da Silva pelo Fluminense. Você, que me lê agora, sabia disso?

Que Artur Xexéo descanse em paz, deitado em berço esplêndido das três cores, queiram ou não os que tentaram minimizar seu sentimento tricolor.

## PIXINGUINHA E O FLUMINENSE

19/03/17

Por causa do texto de Heitor D'Alincourt, publicado no sítio do Fluminense, vivi um domingo glorioso ao saber da ligação intensa de Pixinguinha com o nosso clube, frequentando seus salões e, com o apoio do presidente Arnaldo Guinle, não somente conseguindo excursionar com seu grupo – Os oito batutas – para a Europa, como também ganhando do prócer tricolor um saxofone de ponta, que posteriormente seria incorporado de vez à sua lida profissional.

Também incrível – mas negativamente – é saber que, há quase um século, a imprensa da terra brasílica já realizava um trabalho de edição peculiar, alheio à realidade, desancando o talento do super músico e do chorinho – que viria a escrever algumas das mais belas páginas da música brasileira e mundial, a começar por “1 x 0”, o tema que celebra a primeira conquista da história da Seleção Brasileira, pelo Sul-Americano de 1919, disputada... no Estádio das Laranjeiras. Pelo visto, o Fluminense estava vocacionado desde cedo a retorcer a retórica oca das redações.

Há um outro fator muito importante nesta bela história que reúne arte, talento e superação: Pixinguinha era um homem negro e liderava um octeto musical repleto de outros homens negros. Em alguns lugares da então capital da República, isso era um acinte, um despautério capaz de provocar uma denúncia por formação de quadrilha, mas não era o caso da luxuosa sede de Álvaro Chaves, onde o imortal Alfredo da Rocha Vianna Filho transitava com plena desenvoltura. No mínimo, trata-se de objeto de estudos sérios para os que apontam o dedo do racismo em riste para o Tricolor. Que diabos de Fluminense era esse, cujo presidente amparava um gênero musical detestado pelos jornalistas por conta de sua “pobreza”? Com a palavra, os historiadores.

Reiterando: Pixinguinha foi um dos maiores músicos do mundo, um gênio, um maestro maior. Sua brasilidade influenciou o jazz estadunidense e, muitos anos depois, quando a Bossa Nova ganhou o mundo por meio de craques como o tricolor Tom Jobim, nos anos 1960, ele já era uma referência para a constelação de craques da arte musical. Seu trabalho pioneiro abriu trilhas para a música brasileira no exterior, e hoje ela é respeitadíssima em todos os continentes.

As participações decisivas do Fluminense e de Arnaldo Guinle neste processo são dignas de um livro inteiro, bem como de reconhecimento pelos apreciadores das artes. Motivo justo e certo de orgulho para os tricolores.

## A IGNORÂNCIA HISTÓRICA EM SE ASSOCIAR O FLUMINENSE AO RACISMO

14/08/21

O péssimo modelo de gestão do Fluminense e a montagem do atual time nos levaram a um paradoxo: ao mesmo tempo em que estamos muito próximos de momentos culminantes na Libertadores e na Copa do Brasil, o lote de péssimas atuações há meses tirou a confiança de boa parte da torcida. Ainda assim, embora não seja o espetáculo que muitos acreditam, o elenco tricolor é o menos pior das últimas cinco ou seis temporadas, sendo quase consenso de que poderia estar em situação mais confortável caso Roger Machado fosse um bom treinador.

O Roger lateral e zagueiro é ídolo eterno do Fluminense, autor de um gol heroico que reabriu os caminhos do clube nos cenários nacional e continental. Um golaço que decidiu um grande e suado título. Este parágrafo é imutável. Roger está na história do clube

Já o treinador certamente é dos piores dos últimos 40 anos. Mostra-se incapaz de mudar um sistema de jogo e regularmente seu time piora em todos os segundos tempos. Boa parte da torcida tem ido à loucura com a mediocridade do Fluminense em campo. Um time previsível, pastoso, encolhido como se fosse pequeno, insignificante, que há meses vive de lampejos e de uma pretensa eficiência de números que o leva a avançar nas competições, mas sem dar a mínima confiança de que as vencerá.

Ponto.

Muitos tricolores criticam Roger por seu péssimo trabalho à beira do campo.

Daí a sugerir que o motivo das críticas tenha fundamentação racista é, francamente, desconhecer a história secular do Fluminense e de sua torcida.

Pixinguinha, gênio, já tinha o talento, mas se tornou uma personalidade nacional e internacional graças ao Fluminense, que o promoveu em seu Salão Nobre nos anos 1920, quando poucos lugares do Brasil recebiam um conjunto musical de homens negros para qualquer coisa, quanto mais se apresentar. Falamos de um século atrás.

O Fluminense, dos poucos times do Brasil a colocar um goleiro negro numa Copa do Mundo – Veludo.

Há quase 40 anos, o Fluminense é reconhecido em todo o país pelas imagens icônicas de dois ídolos do clube, dois heróis negros: Assis e Washington.

O time mais emblemático da história do Fluminense, a Máquina Tricolor, tem suas fotos compartilhadas diariamente nas redes sociais. Lá estão Carlos Alberto Torres, Carlos Alberto Pintinho, Paulo Cezar Lima, Gil, Marco Antônio Feliciano, Toninho Baiano e outros. As fotos de times mais compartilhadas da história do clube têm a presença grandiosa de homens negros na imagem, felizmente. Todos eles foram muito aplaudidos por símbolos da nossa arte. Por exemplo, só no samba tínhamos Cartola, Wilson Moreira, Noca da Portela e Délcio Carvalho, todos gigantes do samba, todos negros.

Bem antes disso, nos anos 1950, o clube foi campeão mundial e formou seu maior artilheiro da história, Waldo. Naquela década o Fluminense era marcado pelas presenças de Pinheiro e Didi, heróis negros das Laranjeiras.

O lindo campeão de 1980 tem regularmente as estampas de duas feras abraçadas após os gols tricolores: Gilberto e Cláudio Adão. Com eles, jogavam Edevaldo e Tadeu. Quase metade do time.

Denilson, Rei Zulu. Flávio Minuano. Jair Marinho. Altair.

O maior campeão carioca da história, louvado para sempre: Ronald, Lima, Lira, Djair, Aílton. O Flu de 1995 tem sangue negro nas veias.

Podemos falar dos bicampeões brasileiros Gum e Leandro Euzébio?

Um dos jogadores mais respeitados do Fluminense atual é Luccas Claro. Apesar da bobeira na semana passada, Manoel tem o respeito da torcida, que pede por Kayky e Luiz Henrique.

Estes exemplos deveriam ser suficientes para rechaçar qualquer leviandade ao se relacionar o Fluminense e sua torcida a práticas racistas. Trata-se de um exercício de ignorância histórica a respeito da instituição e de sua trajetória.

Roger Machado é severamente criticado porque seu trabalho como treinador é horroroso. Meses antes, depois de eliminações ridículas para Unión La Calera e Atlético Goianiense, a torcida tricolor queria escalar Odair Hellmann que, como se sabe, não representa o homem negro brasileiro. Foi substituído por Marcão, símbolo da negritude tricolor, que acabou louvado com a classificação à Libertadores e é pedido de volta ao comando do time. Caso isso venha a acontecer, não pode haver resposta mais lúcida para a estupidez ao se tentar juntar Fluminense e racismo na mesma frase, algo incompatível desde os anos 1910.

Viva Tião Macalé, um dos maiores humoristas brasileiros da história, negro, gay, fundador e presidente de time de futebol de praia, presença marcante nas arquibancadas tricolores por décadas. Em algum lugar ele ri com Jorge Lafond, a inesquecível Vera Verão, tricolor de carteirinha. Há muito tempo o Fluminense é de todos e, se há muitas críticas a se fazer, nenhuma delas tem a ver com qualquer tipo de discriminação.

## WALDO, O MAIOR DE TODOS

25/02/19

Tinha acabado de voltar de uma ótima conversa com o Maurício Gouvêa quando cheguei em casa. Saí do banho e me deparei com a notícia da morte de Waldo, o maior artilheiro da história do Fluminense – e que dificilmente será superado.

Por um instante parecia a morte de um ente querido, de alguém que ouvi falar por minha vida inteira. Quando aprendi o que era o Fluminense, saber de Waldo era a mesma coisa. Lá estava ele, ídolo do meu pai, povoando meus ouvidos e mente enquanto trazíamos Nunes e Neinha, Tulica também, até nos encontrarmos com Cláudio Adão. E cresci tendo-o como uma figura típica, inalcançável, o símbolo de um Flu eterno, que não pude ver mas herdei.

Anos atrás, trazido pelo incansável Valterson Botelho, verdadeiro homem escritor de ouro, Waldo esteve nas Laranjeiras para o lançamento de sua biografia. O eterno artilheiro encantava a todos, ainda que mal falasse o português depois de décadas radicado na Espanha. O verdadeiro mito ali estava em carne, osso e histórias diante de homens, mulheres e crianças tricolores que nunca o tinham visto pessoalmente. Foi também a última vez de Waldo no clube, o canto do cisne.

Ézio foi o mais encantador dos ídolos tricolores. Um tremendo artilheiro, um super herói. Waldo fez quase o triplo dele.

Fred foi o maior artilheiro tricolor dos últimos 60 anos. Um monstro da área. Precisou bater 40 pênaltis para ficar a mais de 100 gols de Waldo.

As duas simples comparações, que em nada diminuem o tamanho colossal dos nossos dois super goleadores, dão o tamanho do maior artilheiro que o Fluminense já teve em toda a sua história. Herdeiro de colossos como Welfare e Russo, o negócio de Waldo era fazer gols nem que fosse preciso trombar um defensor adversário para o fundo das redes. Foi o que ele fez, deixando uma missão tão bem cumprida que parece de agora, de há pouco tempo. Gols, gols, gols pra todo lado, de forma tão intensa que atravessaram décadas e décadas sem ameaça da quebra de seu recorde.

O Fluminense dos anos 1950 foi feliz para sempre e cativou uma multidão que se multiplicou e formou uma eterna nuvem de pó de arroz. Waldo é, para sempre, a primeira bandeira que vaza a nuvem branca em seu caminho inevitável para a eternidade.

CINCO ANOS DE UMA FARSA  
08/12/18

Contando, parece realismo fantástico, mas realmente aconteceu.

Na última rodada do Brasileiro de 2013, um time joga sua partida descompromissada a tal ponto dela ter sido antecipada para o sábado, mas escala um jogador irregular. A punição seria óbvia e evidente. Na véspera, jornais e TVs afirmavam que o dito jogador estava de fora da partida, mas acabou sendo escalado pela intervenção de um dirigente fanfarrão.

A perda de pontos, líquida e certa, levaria o time ao risco inesperado e súbito de rebaixamento, mas incrivelmente nenhum dos jornalistas que cobriam a partida e que a resenharam em jornais e TVs lembravam-se do fato. É possível dizer que foi o maior erro crasso coletivo de informação jornalística do futebol brasileiro em todos os tempos, envolvendo pelo menos cem profissionais de imprensa.

Não houvesse o incrível erro, as manchetes do domingo, dias finais, apontariam uma completa mudança nas probabilidades de rebaixamento daquele dia. Mas nenhuma delas tocou no assunto.

Começam as partidas finais e todos os times disputam partidas ao mesmo tempo. Um deles, desesperado com o risco de queda, consegue virar seu jogo fora de casa – o que comprometeria completamente o time com um jogador irregular na véspera, caso o assunto viesse à tona. Imediatamente, a dois mil quilômetros de distância, um outro time que parecia seguro na competição cometeu um erro incrível: também colocou um jogador irregular em campo. Céus!

Um terceiro time envolvido na luta contra o rebaixamento teve um verdadeiro sururu de porrada no estádio onde jogava, por falta de policiamento. A partida foi paralisada por mais de uma hora. Em condições normais, ela jamais teria sido retomada, mas incrivelmente acabou acontecendo. Afinal, se acontecesse o adiamento, somado à descoberta daquela confusão do jogador irregular no sábado, esta partida retomada poderia modificar todo o campeonato e os times rebaixados.

É impressionante o encadeamento de coincidências.

Como ninguém sabia da história num todo – ou fez questão de esquecer -, para as finalidades oficiais, Fluminense e Vasco foram rebaixados.

Dois dias depois, o escândalo veio à tona.

Colérica, boa parte da imprensa esportiva tomou o Fluminense como Geni e tacou-lhe pedra: o clube foi ofendido por dois meses diariamente em todos os veículos de comunicação (com total inércia de toda a sua diretoria), torcedores foram ameaçados e agredidos nas ruas e só no dia do julgamento é que o Flu se fez presente – ainda que tenha prevalecido certa autopromoção pessoal, desvelada a seguir.

Defensores da ética no futebol estupraram o Fluminense em jornais e redações incessantemente, furiosos.

Nunca se deu um pio sobre o primeiro time, aquele do sábado, com um cheirinho de trapaça *trash* em campo.

O treinador que escalou o segundo jogador irregular no domingo nunca foi perguntado direito sobre o assunto.

O jogador, também não. Os jogadores: nem o do domingo, nem o do sábado.

Os dirigentes, também não.

Aos poucos o assunto tomou ares de deixa pra lá. Sumiu. Ainda bem que os escritores não se esqueceram.

Hoje completam-se cinco anos desta incrível história. Você não vai ver uma linha ou fala na grande imprensa esportiva sobre o assunto.

Quem se lembra de André Santos naquela ocasião? De Hewerton? De Guto Ferreira? De Manuel da Lupa?

O Fluminense continua sendo o grande culpado, o vilão supremo da corrupção no futebol brasileiro, pouco importando as evidências contundentes do caso. Contudo, o que resta é o pequeno cheiro de um silêncio hipócrita, sepulcral. Um cheirinho, pois.

Muita gente percebeu ou sabe o que aconteceu, mas a versão deturpada é repetida permanentemente em rádio, jornal e televisão quando o assunto é rebaixamento ou “virada de mesa”. A tal verdade conveniente. Foi assim também no caso do ladrilheiro, do chororô, do Serra Dourada e tantos outros.

Não chega a constituir surpresa num país onde as pessoas comemoram euforicamente a eleição de corruptos visando combater a corrupção, para depois emudecerem frente a óbvias decepções, hipócrita ou ingenuamente falando.

DE VOLTA NA PRAÇA

18/07/18

O futebol não espera. A Copa do Mundo passou, a vida segue e escorre pelos dias.

Adivinha, doutor, quem está de volta na praça?

Aí está o velho Brasileiro de guerra.

E o Fluminense também, recomeçando a jornada com uma parada dura. Clássico em São Januário.

Curiosa esta história da atual freguesia, ou quase isso. Nos meus tempos de garoto, a carne de pescoço era o Flamengo. No Vasco, a gente batia direto, direto. Quando perdia, até estranhava.

Depois, em 1993, a coisa virou. Eles ganharam tudo, na bola e, se preciso fosse, no apito também. Também contou para isso a nossa inércia nos bastidores, é bom que se diga. Mas também mostramos as nossas garras.

Ano de 1999, terra arrasada e muita chuva, fomos lá e fizemos quatro. Depois, em São Januário mesmo, o Roger fez um cruzamento de placa e avançamos na Copa do Brasil – o Zetti falhou, hein?

Quase vinte anos depois, dois times durangos, duas crises políticas, duas velhas esperanças e o clássico, ah, o clássico: ele redime, faz sonhar com o falecido Maracanã, oferece alguma esperança no futuro que nem sentido faz, mas a temos de qualquer jeito.

Eu queria mesmo era ver o Donizeti arrancar sozinho e tocar pro gol quase sem querer. O Zé Maria finalizando. O querido Washington dando aquele toquinho por cobertura sem chances para Acácio. Foi um dos grandes jogos de minha vida, um dos maiores Fluminense x Vasco que vi, um tempo de pura paixão: começo de faculdade, o mundo pela frente, aquela arquibancada com cheiro de concreto e história. Depois do gol todo mundo se abraçava feliz. Eles tinham um timaço, tentaram nos evitar nas quartas de final, mas não deu. Eu gritei que nem um louco, voltei muito feliz para casa e, antes de pegar o 435, fiz uma peraltice bem na porta da minha UERJ. Acontece.

Ok, os times não estão mais lá, os craques morreram, o ódio e a estupidez são a realidade incontestável? Dane-se tudo! Eu vou é torcer e torcer, nem que seja como se fosse um entorpecente por uma hora e meia até voltar à tona e perceber que 2018 não é 1988. Dane-se! Quem manda no meu amor sou eu, quem sabe de mim sou eu e está de volta a minha velha conexão individual: eu e o meu Fluminense, sem intermediários nem patifes.

Eu e a minha torcida de um homem só, seja em frente à televisão ou numa cadeira azul moderninha, sozinho na tal Leste, Sul ou outro lugar – antes muito só do que pessimamente acompanhado. A solidão enobrece, seja na vida real e, principalmente, na virtual.

Futebol é sonho, é diversão, é paixão acesa. Meu Fluminense é um escudinho de decalque, uma camisa velha, um botão de galalite, um papo no boteco com meus irmãos tricolores, é gente que morreu e me faz sonhar como nunca.

Vontade de ver uma vitória monumental nesta quinta, para lavar a alma. Isso não significa ser alheio às deficiências da equipe, aos inúmeros problemas e todos os outros detalhes abomináveis do que cerca o clube por dentro e por fora, mas sim uma maneira de encarar as coisas.

De resto, é fechar os olhos e escalar: Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens; Deley, Gilberto e Mário; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé. Ave Nelsinho!

Tudo está contra, os homens são ruins, a ganância é um câncer, mas não há como não torcer.

Nós não vamos sobrar nada.

## FUTEBOL É GRUPO

23/03/16

A repentina, inesperada (mas nem tanto) e estranha (idem) saída de Diego Souza é um convite à reflexão dos torcedores do Fluminense.

Primeiro: planejamentos, gestões, trabalhos e todos os manjadíssimos dogmas contemporâneos da lida do futebol, ótimos ou péssimos, estão sujeitos, desagradavelmente, às intempéries mentais dos jogadores de futebol – e muitos destes estão longe de serem atletas na acepção da palavra. Assim, convém ficar esperto(a) para não cair nas esparrelas das declarações de amor em troca de centenas de milhares de reais, que lembram muito os relacionamentos amorosos com as profissionais da paixão e suas frases feitas. Falar é fácil; na hora da agonia é que se vê o comprometimento.

Segundo: futebol é grupo. A história secular do Fluminense sempre sobrepõe conjuntos em relação a indivíduos, por mais talentosos e vitoriosos que fossem. Procure nos tricampeões de 1917 a 1919, no timaço do fim dos anos 1930, o “timinho” campeão do mundo em 1952, o esquadrão dos anos 1980 e até mesmo o mais badalado e emblemático onze da história das Laranjeiras: a Máquina, que tinha em Rivellino seu principal nome, mas longe de ser o único numa verdadeira Seleção Brasileira. O Flu cansou de ter ídolos e ídolos, mas a caminhada vitoriosa foi feita com os grupos.

Terceiro, que Levir Culpi consiga o que ninguém conseguiu nos últimos três anos: acabar com o que parece – e apenas parece? – o tempo dirá – ser uma divisão no elenco tricolor, talvez motivada por supostas intolerâncias religiosas, talvez por supostas divergências econômico-comerciais, talvez por outros motivos que, no fim, só trazem prejuízos diversos a quem realmente faz o Fluminense existir e ter algum sentido: sua torcida.

Logo mais tem uma importante decisão em campo pela Liga.

Diego Souza é passado. Deixou a grande partida contra o Cruzeiro e só. Uma pena. Vida que segue. Fica quem quer. “Se é por falta de adeus...”, já dizia a canção.

A história aí está para ser consultada e ensinar, pelo menos aos mais humildes. A secularidade da mesma não pode nem deve ser desprezada por galhofeiros de ocasião.

Os nomes passam, o Fluminense fica.

Prudência é tudo.

## UM SENHOR TRICOLOR

06/03/2016

Veja bem a imagem deste senhor, sentado calmamente na arquibancada de Los Larios, olhando para seu amor em campo chamado Fluminense diante do America, enquanto recebe o afago de seu chapéu.



Sua bengala tricolor o denuncia ao mundo da poesia: ali está um torcedor que é um dos nossos escudos de carne e osso por aí, todos facilmente identificáveis a quilômetros de distância.

O Fluminense das vestes despojadas, do chinelo libertador e dos indefectíveis olhos de criança, quem sabe procurando um Castilho, um Telê, até um Romeu em campo, quem sabe?

O olhar atento, fixo, é de quem já viu tudo. Leu e escutou tudo. Por onde este coração tricolor, deitado em berço esplêndido de Xerém, já navegou? Mares e mares, caros amigos.

O nosso time em campo com uma nova camisa linda, oferecendo esperanças de melhorar seu futebol, lutando contra a condição de permanente visitante neste 2016. Os sonhos, as perdas e os ganhos.

Não há como enganar este senhor. Ele sabe de onde o Fluminense veio. Manchetes confusas não o melindram, politicagens não poluem seus sonhos. Nenhuma ganância ou arrogância. Com sua simplicidade numa arquibancada que parece antigamente, ele é um lorde, um sujeito de estirpe, dos tempos dos Cartolas – o nosso mascote e o Rei do Samba.

Ali estão os olhos fixos de criança a namorar o futebol, a carinhar o Fluminense, a manter a eterna chama acesa da paixão em campo, num gramado de lembranças e esperanças.

Tudo se encaixou: o modelo do espírito tricolor em close, bem capturado pela minha amiga Gloria, que escreveu este poema fotográfico sobre o nosso Fluminense e gentilmente me ofereceu.

A bengalinha não carrega apenas as três cores, mas uma história que vem de longe e que pode ser percebida num simples instante. Reveja a foto, reveja e reveja.

Procurando o espírito do Fluminense, me deparei com a foto deste senhor. E nela encontrei o avô que não tive, o pai que foi embora cedo, o irmão que me desaprendeu. Na verdade, este senhor é também um irmão, um correto irmão que passa ao largo da minha e o admiro à distância sem conhecê-lo pessoalmente, tal como Rubem Braga fez em uma grande crônica sobre um homem no mar e sua dedicação ao nadar.

Este homem tricolor, humilde, com seus olhos fixos no horizonte de grama à espera do melhor para o Fluminense, é tão importante quanto um grande lance ou um belo gol. Ele é a certeza de que estamos vivos, vivos demais e não nos deixaremos seduzir pela retórica oca dos pernósticos rancorosos, envenenados pela feiura.

Um senhor simples com sua bengala tricolor numa arquibancada que remonta ao antigamente. No Fluminense, o passado e o presente são irmãos siameses, dedicados, atentos, à espreita do grande amor às nossas cores em qualquer parada. Nós viemos de longe, há muitas gerais.

Agora chove na Guanabara, é a noite de domingo e a imagem deste senhor, com sua bengala, o chapeuzinho, a simplicidade e o olhar em busca do Fluminense de Madredeus, faz-se uma bandeira da nossa tradição: a elite da elegância.

*A foto fantástica é de Glória Motta.*

## TESOUROS DA JUVENTUDE II

“... dois garotos divertidos e fofos, adolescentes talvez, cochichavam quase envergonhados sobre a passagem da bela torcedora loura, de coxas grossas e short curto, lembrando uma jogadora de vôlei, subindo os degraus de concreto numa tarde de domingo nublada, tímida, de nem tanta gente assim no Maracanã.

A jovem mulher não devia ter mais de vinte e cinco anos de idade; os garotos, catorze se muito. Linda, ela continuava subindo com admirável determinação, provavelmente querendo o topo do estádio, onde qualquer ser humano pode viver a impressão de que é senhor do vento e das marés.

A turma do corredor preparava suas bandeiras, grandes e pequenas. As maiores tinham mastros de bambu; as pequenas usavam madeirinhas que até lembravam pedaços de cabide. Pacotinhos de pó de arroz sendo preparados para a mágica do arremesso coletivo mais tarde, colorindo a cor cinza que predomina nas cores do sagrado campo de futebol e no céu.

Do outro lado, uma imensa bandeira vermelha, viva, cor de sangue arterial, do simpático time chamado America.

Um senhor alto, gordo, respeitável, barbudo, com chapéu de aba mole, carregava um assento com escudo do Fluminense na mão direita – a esquerda segurava um rádio com volume alto, onde um grande repórter relatava informações preliminares da partida que viria a acontecer mais tarde.

Um garoto olhando para o horizonte e tentando captar cada detalhe daquela diversão, sozinho que estava enquanto seu pai buscava refrigerante e cachorro quente Geneal, mais batatinha frita Guri.

Ambulantes subindo e descendo em nome do comércio: picolés, amendoim torrado e transportado quente na lata, achocolatado em mini caixas, bandeirinhas de mão, camisetas do Fluminense.

Embaixo, a turma que assistia jogos em pé, às vezes correndo risco de chuva forte. O pessoal da administração aliviava e geralmente abria os portões das escadas no intervalo da partida: eles corriam loucamente e, alguns andares acima, adentravam as arquibancadas. Não era difícil reconhecê-los: as roupas costumavam ser muito humildes, às vezes rotas, e geralmente eles calçavam chinelos.

Havia espaço para certo conforto no banco de cimento, coisa muito rara em se tratando dali. Mas para o olhar de uma criança não havia nenhuma diferença: os gritos, os sambas, a festa das bandeiras, era tudo igual como se houvesse uma grande multidão presente.

Nós, fluminenses, fizemos um gol numa jogada de rebote, a bola ganhou as redes lentamente, parecia *slow motion*. O diabo é que o time deles, com vermelho vivo, empatou

logo em seguida. O pai começa a reclamar do jogo ao lado do filho: “Eu vi Didi, eu vi Telê, não essa bandalheira em campo!”. O garoto, calado, não entendia muito a situação, mas suspirava por um gol da vitória que, como sabemos ou sabíamos, jamais viria.

No fim da partida, pai e filho deram as mãos e desceram lentamente os degraus altos da arquibancada. Adultos discutiam a perda do atacante Fumanchu, além da indisciplina do jogador Nunes.

No corredor, alguns lamentavam o empate. Num súbito, a rampa de descida do Maracanã surgiu.

Torcedores de camisas tricolores, brancas e vermelhas caminhavam com toda a calma do mundo pelo declive, como se quisessem saborear cada minuto do futebol, da vivência, mesmo que o resultado não tivesse sido o desejado, mesmo que o domingo nublado e escuro parecesse mais triste, mesmo que ali terminasse a folga e no dia seguinte era o momento de fazer o Brasil crescer, seja numa sala de aula, num trabalho, nas ruas, ao redor da pátria amada.

Na rua, alguns vendedores anunciavam suas últimas promoções. A carrocinha do cachorro quente e do milho estava cheia: era hora de desconto. Alguém sonhava com churros de doce de leite, a novidade da praça.

Logo se via um obelisco com formas geométricas, talvez losangos, talvez com pontas arredondadas.

As ruas estavam cheias de gente, esperanças para o próximo jogo e alguma melancolia compreensível, a tal ponto que se aqui você estivesse lendo a página de um livro, é porque o escritor estaria às lágrimas.”

## A FIGURINHA DO FÉLIX

07/04/18

Lendo o Jácome em belo texto noutra dia, lembrei da primeira vez em que eu já sabia o que era o Fluminense. Eu estava no meu quarto e meu pai trouxe um álbum de figurinhas da Copa de 1970, para me contar sobre o Félix e que ele era o goleiro do Flu. Nunca mais me esqueci desta cena, já a contei num livro, parece que foi ontem mas já tem 45 anos. É uma das minhas melhores recordações de criança, quando eu achava que era possível ser feliz no mundo.

O futebol tinha uma magia que se perdeu. Não falo da qualidade técnica apenas, mas do geral. Os garotos do meu tempo ficavam completamente loucos pelo jogo de bola e nunca mais o perdiam de vista. São muitos motivos, mas creio que um dos principais tenha a ver com a sensação de pertencimento. Longe de viver de alienação, mas um grande barato era todo mundo junto na arquibancada como se fosse até amigo, buscando a vitória – favor não confundir com aquela história pavorosa de gol sofrido. Hoje tem gente rosnando por conta de personagens no mínimo exóticos.

Uma figurinha, um botão, um escudo de pano, uma pequena bandeira. Aquela vontade de pegar o ônibus ou o trem e chegar logo ao Maracanã – quando ele existia. Eram outras palavras.

Hoje em dia o mundo mudou. A prioridade virou a internet. É certo que ela ajuda muito, mas também atrapalha na mesma proporção – quero dizer, a culpa é do ser humano. Tira o caráter lúdico. A festa do jogo, independentemente da fase, foi substituída por toneladas de discussões inúteis, teorizações ocas, ódios políticos (isso é política mesmo? não, né?), muita prepotência pueril e pouco conteúdo. Quem cai nessa armadilha acaba enjoando e se afastando para sempre, aí está a olhos nus. Cansa. Ok, a direção não ajuda também.

Semana que vem tem Sul-Americana. Vai começar aquela velha história de convocação, de dizer que quem faltar não é tricolor e outras ladainhas. Poucos se dão conta que, na tentativa de ajudar, acabam atrapalhando. É preciso resgatar a sensação coletiva de pertencimento. Não sei a solução, mas sei exatamente por onde ela não passa: inércia, imobilismo, cólera estúpida e bostejadas de Facebook.

Nunca me esqueci do Félix.

## O TORCEDOR NÃO É OTÁRIO

08/04/21



As publicações acima são de domínio público da torcida tricolor. Na primeira, a sugestão de um pensamento no mínimo questionável em termos dialéticos. Na segunda, a justificativa pela publicação feita. Ambas feitas pelo presidente do Fluminense.

Muitas pessoas físicas e jurídicas interpretaram a primeira postagem como péssima, pois é fato natural esperar que uma autoridade do clube o priorize em suas publicações.

Independentemente dos seus efeitos, é fato que personalidades nas redes sociais devem, ou deveriam, sempre primar pelo cuidado sobre o que publicam, seja num perfil profissional ou pessoal. Se uma comunicação qualquer causa dúvidas em muitas pessoas, o problema está em quem comunicou. Neste caso, milhares de pessoas entenderam que a postagem era alusiva ao universo Fluminense, até porque ninguém segue ou acompanha o presidente de um dos maiores clubes de futebol do mundo para obter dicas sobre nado sincronizado, pescaria digital ou álbuns de jazz, ao menos não prioritariamente.

A maior prova de que a publicação teve efeito desastroso vem do próprio clube, por meio de seu vice-presidente, desculpando-se com os torcedores pelo ocorrido.

Este episódio de confusa comunicação e sua réplica de certa forma dão o tom do Fluminense atual.

Um clube fora dos trilhos, às vezes disfarçado por manchetes *delivery* chapa-branca mal escritas, que tem como principal trunfo nestes quase dois anos de gestão a vaga

conquistada na Libertadores 2021, tratada como um verdadeiro título pelos que ignoram completamente a história do Fluminense.

É claro que foi bom voltar à competição, depois de anos de fracasso e lutas contra o rebaixamento, uma delas com o próprio presidente comandando o futebol. Mas acontece que, assim como ele, nós não somos estúpidos. Sabemos que a boa pontuação no Brasileiro mascarou atuações estapafúrdias, negociações duvidosas e contratações extraterrestres.

A dias da estreia na esperada competição, não temos nomes de impacto. Muitos nutelinos creem que a goleada sobre o pobre Macaé foi uma exibição retumbante de afirmação do time tricolor, um cartão de visitas para a Libertadores. Acontece que não somos estúpidos para acreditar nisso, nem nós torcedores, nem o próprio presidente.

O argumento de não termos dinheiro chega a ser tedioso. O Fluminense tem uma dívida enorme como muitos grandes clubes brasileiros, mas além de suas contas sufocantes, gasta mal. Bem mal. Poderia dizer muitos nomes aqui, mas as escalções constantes de Caio Paulista, Felipe Cardoso e a recente contratação de Rafael Ribeiro demonstram claramente que o critério de busca não é técnico, a não ser que brigemos com os fatos e o mundo real. Não somos estúpidos, sabemos do que se trata.

Não sei dizer se é o caso na história da Libertadores, mas se nada mudar nos próximos dias, o Fluminense será o primeiro grande clube brasileiro a jogar a fase de grupos sem um patrocínio master, pelo menos no século XXI. Não somos estúpidos, sabemos que isso não é normal.

Seguimos torcendo como sempre, mesmo diante de fatos que prejudicam as chances do Fluminense na temporada. O nosso time não pode participar de nenhuma competição como figurante. Só um completo estúpido aceitaria isso, coisa que não somos e o presidente sabe muito bem, porque também não é.

Não esquecemos do caso Live Sorte porque não somos estúpidos.

Não esquecemos do deboche de Uram na saída de Evanílson porque não somos estúpidos.

O dirigente picocelebridade dizendo que a torcida não assina cheques, também não esquecemos porque não somos estúpidos.

Defendemos a verdadeira democracia do voto on line porque não somos estúpidos.

Vimos recentemente os prints dos funcionários mais humildes, não somos estúpidos.

Percebemos os bonecos plantados nas redes sociais para defender incondicionalmente a gestão nos fatos mais inacreditáveis. Não somos estúpidos. Crescimento súbito exponencial de picocelebridades pró-gestão? Sabemos. Não somos estúpidos, é claro. Nós não entramos nesse ônibus agora...

Vamos torcer como nunca porque somos tricolores, até mesmo nos cenários mais improváveis. Elogiar quando for justo e criticar idem. Aqui ninguém aluga opinião para dirigentes. Claro, não somos estúpidos, mas reconheço que nem todos podem dizer isso na turma do “apaga tuíte”.

E falo no plural porque tenho certeza de que meu pensamento aqui expresso se assemelha ao de milhares de tricolores. Mas poderia falar sozinho: estou muito longe de ser estúpido, o que muitos devem saber. O presidente, se não souber, deveria ao menos desconfiar, porque também não é estúpido, todos sabemos.

Terminando esta coluna, publico o print de um tweet meu. Ele não precisa de explicações a posteriori. Até um estúpido entenderia, convenhamos.



**paulo-roberto andel** @pauloan... · 4 h ...

A todos os tricolores que não aceitam a mistura de prepotência com mediocridade.



CARTA PARA ASSIS

06/07/16

Meu caro ídolo, permita-me usar esta expressão que tem cada vez menos sentido, ao menos nesse negócio chamado futebol, que tanto amamos.

Era para eu escrever sobre choro, saudade e distância.

Vamos deixar isso de lado.

Prefiro lembrar daqueles anos incríveis onde você comemorava com aqueles pulinhos e palmas com o nosso Washington.

É fácil demais lembrar de tantas alegrias que você, ele e o resto da turma nos deu, mas dia desses eu lembrei de um jogo que ganhamos bem, não fomos campeões mas pusemos água no chope do Vasco: 3 a 0, você marcou, eles lotaram o nosso saudoso Maracanã, jogavam por um empate para ganhar a Taça Guanabara e nós é que saímos felizes. Coisa de 1987, bem antes da “fundação” do clube. Quem diria? Everaldo Antônio de treinador.

Meu herói Assis, este seu velho fã anda sofrendo. O coração dói, os tempos são outros. O nosso Fluminense está vivíssimo da Silva, mas anda um pouco maltratado. Os ômi, sabe como é? Tropeçam nas próprias gravatas da empáfia, o rei na barriga tem cara de dois de Copas, o que se vê no verbo não é o que se lê no cotidiano. Longe da linhagem de Schwartz, Castro Gil, Vilela e outros próceres. Imagine, gente que debocha até das características físicas dos outros. O sobrenome não faz o caráter.

De bom, falo que vamos comemorar mais um aniversário em quinze dias. Vai ter festa, livro, foto e não terá um único convidado que não fale com carinho sobre você. Todo ano a gente olha para trás e aquilo tudo tão longe tem o delicioso sabor de ontem.

De preocupante, exatamente hoje: temos um jogo contra o Ypiranga pela Copa do Brasil. Seria barbada nos teus tempos, agora não é. A torcida está irritada, o time está desacertado, o treinador andou papagaiando demais e o presidente, bom, deixe pra lá.

“Aqui na Terra vão jogando futebol. Tem muito samba, muito choro e rock n’ roll. Nuns dias chove, noutros dias bate sol, mas o que eu quero lhe dizer é que a coisa aqui tá preta.”

Tudo bem. Naquele tempo em que você chegou, as coisas pareciam bem nubladas, até abrir um verão de três anos-luz. A gente segue acreditando, torcendo, chorando, esperando gols de felicidade e respirando o Fluminense feito o eterno presente em que vivemos.

Hoje era um dia em que precisávamos muito de você, não apenas pela condição de craque. Estão faltando a tua elegância, a tua discrição, a tua simplicidade e outros predicados mais. O Fluminense das coisas e pessoas simples, sem fanfarrônicas ou megalomanias de Mr. Kane. O Fluminense dos sorrisos sinceros e dos bons gestos.

Imagine que há quem sonhe com um shopping center bem em cima do campo onde você pisou – e eu também pisei, comemorando os títulos. A onda agora é fazer um estádio em Jacarepaguá, uma ideia tão moderna que foi defendida por Carlos Lacerda na Câmara dos Deputados no meio dos anos 1940, felizmente fuzilada para que o Maracanã nascesse onde viveu até 2010, até falecer e virar um trambolhão. Enquanto isso, somos nômades do campeonato.

Meu eterno Assis, volta e meia sonhamos com você, Romerito, Tato, Ricardo, todo mundo junto aqui. Sabemos que é impossível. Porém, se desse para você vir junto com João Santos, Alberto, Zé Maria e Eduardo já ajudava bastante. A garotada que subia e ficava.

Agora teremos um centro de treinamento novinho em folha. Nosso engenheiro, tricolor apaixonado, mandou fazer. Já era hora. O Farid teria feito se tivessem deixado, mas aí é outra história, acho. E pertinho da casa e da discoteca dos jogadores.

Nem tudo são flores, nem tudo é derrota. O problema, meu caro Assis, é que estamos numa crise de identidade e isso precisa mudar logo, antes que a indiferença se torne realidade. No fim, o Fluminense somos todos nós, mas o que acontece que alguns realmente acreditam ser mais do que os outros? Melhor seria se fôssemos todos unidos por um Flu forte. Que fim levou nossa mocidade independente?

Aquele pó de arroz que cobria toda a arquibancada precisa voltar de uma vez. Na dança dos rostos, cada um é um escudo. Dentro do campo, gente simples, tranquila e letal para os adversários como você sempre foi, mesmo com nome de santo e a camisa 10 feito águia do Atlântico Sul.

Receba esta carta com amor e alegria. Mande aquela força para o Washington e para os nossos eternos dirigentes também. O Deley, agora com Y, manda um lançamento eterno. O Gonzalez manda lembranças. Do Zezé, não sei.

Logo mais tem mais.

E, claro, obrigado por tudo. É sempre bom te ver de alguma forma.

Aquele abraço. Volte logo.

Você faz uma falta descomunal, acredite.

## TESOUROS DA JUVENTUDE

05/12/15

“... e nem que chovesse o mundo dos céus eu deixaria de pegar meu bom e velho 435 por diversas razões.

Primeiro, ele fazia ponto na porta do prédio de Katia, linda demais e por quem o bairro inteiro suspirava, a Copacabana que nunca dorme, cidade Impisa. Figueiredo Magalhães, colonizador da área, em frente à entrada principal da Galeria do cinema Condor, gigantesco e gelado. Segundo, porque era um prazer quando ele virava à esquerda no fim de Botafogo e logo se via a Santa Úrsula, com suas meninas lindas e os jovens cheios de esperança num país que, aos poucos, emergia dos escombros de uma ditadura suja e sanguinária.

Num súbito, você espiava para a esquerda e avistava a suntuosidade alvar do Palácio Guanabara. E o Fluminense, o nosso Fluminense, onde todos nós sonhávamos entrar pela porta da frente – a mesma por onde Romerito foi carregado nos ombros numa noite de 1984.

Então você mergulhava no túnel de Santa Bárbara e, ao sair, ficava procurando os letreiros em neon da Pepsi, do Crush e nada mais havia. Logo, uma curva para a esquerda – parece um maldito trajeto comunista, tudo é pela esquerda! – e então se podia ver o ir e vir dos andaimes do Carnaval, tábuas e tábuas de arquibancada, João Mendes faturando tudo até Brizola acabar com a farra.

Mais esquerda, a parte final da Presidente Vargas, a subida do Viaduto dos Marinheiros, a Praça da Bandeira. O prédio do depósito da Casa Mattos, três andares, verde claro, cheio de papéis e canetas maneiros, livros também.

Você podia saltar em plena Radial Oeste e esperar loucamente até uma brecha para atravessar a grande via ser ser atropelado por um carro a 250 km por hora. Caminhar calmamente até a estátua do Bellini ou, caso tivesse ficado no ônibus, seguir até a Derby Club, saltar no ponto ao lado da UERJ, admirar as lindas universitárias a caminho da faculdade, sonhar em estudar ali e atravessar a rua, até chegar ao guichê, comprar o sonhado ingresso e ajudar algum irmão a inteirá-lo: pequenos meninos negros que quase choravam ao conseguir o papelzinho de acesso às catracas.

Perto da rampa, enquanto os senhores subiam com seus assentos de mão, todos com nosso escudo, as torcidas vendiam suas camisas presas nas pilastras. Em algum trecho da subida, os impetuosos garotos da Fôrça Flu tramavam um protesto, um enterro simbólico do Presidente, uma greve da torcida e o escambau.

Era preciso. O time vinha mal.

Nos grandes clubes era sempre assim, com pressão permanente, totalmente alheia ao sentimento de paz e esperança que nos tomava quando passávamos pelo tunelzinho do tempo, estreito que ele só, até encontrar a beleza do Maracanã a olhos nus: o campo, o silêncio horas antes de um jogo comum, os mistérios daquele gramado com mil e uma

noites de história, os proletários da geral zanzando de um lado para o outro, o Fluminense belo e de branco, saudado com muito pó de arroz, ainda em tempos da diáspora pós-Máquina, prestes a nos encher de sonhos e fantasia enquanto sequer desconfiávamos.

Em futebol era e é assim: o êxtase e o féretro andam de mãos dadas e se separam quando menos se espera. O beijo na boca entre o céu e o inferno, feito aquela história do livro de capa preta.”

OS HERÓIS DE 2007

06/06/16

Tudo começou na quarta-feira anterior. Levamos um golaço do Figueirense a menos de quinze minutos no fim. Uma patada no ângulo direito, a ponto de absolver Fernando Henrique – justiça seja feita, no auge da carreira. Mas o Fluminense é o time do último segundo e, no finzinho, lá foi o heroico Adriano Magrão a empatar o jogo com 70 mil tricolores gritando, chorando e pulsando. No entanto, depois do fim do jogo a nossa torcida começou a sair do estádio em certo silêncio, dado o regulamento da competição. Eu não: achei que, se o Flu tinha conseguido superar aquela adversidade dentro de casa, tinha renovado forças para decidir fora.

Domingo, de manhã, resolvi ver o treino nas Laranjeiras. A arquibancada superior ainda permitia acesso, voltei a ser um garoto de dez anos quando via Edinho cobrar 5.684 faltas até escurecer. Renato chamou o time e falou. Em seguida, tirou a camisa e a amarrou na cabeça. Golzinho montado, o velho herói de 1995 fez alguns gols, correu para a torcida, teve seu nome gritado. É, não era um treino, mas me deu confiança, não perguntem a razão porque ela não existiu.

Caminhei mais para o lado da Pinheiro Machado. Na trave paralela à lateral, aí sim Fernando Henrique treinava mesmo. Dez, vinte, cinquenta, cento e vinte chutes. Pegou tudo. Fiquei atônito: “Será que vai dar certo?”. Ia, sim.

Marquei com o Tiba para vermos a decisão na Estrela do Sul da Praia de Botafogo. Casa cheia, praticamente uma sucursal da nossa arquibancada. Tinha até pó de arroz. Tudo foi diferente: desta vez marcamos o gol cedo, muito cedo, com o imortal Roger. Depois, aguentamos uma pressão danada e também perdemos a chance de ampliar o marcador. Fernando Henrique pegou tudo.

Num momento do segundo tempo, Deley, o craque, sorvia um drinque. Na TV, alguém do Flu simulou um lançamento. Gritei: “ACERTA ESSA, DELEY!”. Cinco segundos de risos, a fera respondeu: “Essa não deu pra mim”. Estávamos tensos e confiantes. Deu tudo certo: o Fluminense voltou a conquistar um título nacional. A churrascaria virou uma procissão a pé até Laranjeiras. Encontrei minha amiga Luisa Sussekind. O Tiba vibrava por todos os cantos. A rua foi interditada.

No dia seguinte lotamos o Santos Dumont. Eu mesmo tirei uma foto. Renato, fanfarrão que ele só, com seu indefectível par de óculos escuros, a multidão de três cores varrendo o aeroporto, o Rio em festa. Tivemos o grande chope em Laranjeiras numa festa que varou a tarde e noite. Jorge Pinto era felicidade plena, o Leo também. Depois, ainda viveríamos infernos e céus como somente nós somos capazes de navegar. Cinco ou seis anos épicos do Fluminense começaram com aquele toque do Magrão no Maracanã, avançaram com o passe fantástico que ele deu para Roger sacramentar o título de 2007 e estão por aí até hoje. Estarão.

O futebol é um segundo entre a fé, a glória, o drama e a história.

ÉZIO, SUPER ÉZIO 50

15/05/16

“O artilheiro que foi mais do que um ídolo, na verdade um super-herói.

Encantou crianças, adolescentes, homens e mulheres, idosos e todos das Laranjeiras, de tal forma que me arrisco a dizer: foi um dos jogadores mais humildes, simpáticos e carismáticos da história do Fluminense. Sempre tratou bem a todos, com um enorme e sincero sorriso no rosto. Tudo bem diferente dos artificialismos de hoje em dia.

Jogou quatro temporadas e meia. Marcou gols a granel. Tudo num tempo de dificuldades tricolores: times baratos, jogos nas Laranjeiras, dívidas. Mas engana-se quem pensa que o período sem títulos entre 1986 e 1994 foi marcado pela decadência tricolor. Apesar do grito de campeão represado, o Flu disputou diversos jogos decisivos e finais. Não raro, foi prejudicado claramente em situações capitais – leia-se as decisões dos Cariocas de 1991 e 1993, mais a Copa do Brasil de 1992.

Ézio jamais reclamou, brigou ou desrespeitou a camisa do Fluminense. O máximo que fez foi mostrar tristeza em sua fase final no clube: não vinha bem, acabou reserva, queria melhorar. Em seu último jogo, tocou na bola que, segundos depois, encontraria a barriga mágica de Renato Gaúcho no maior jogo de todos os tempos – atrás deste, o artilheiro sorridente vinha atrás, esperando um rebote, uma chance derradeira.

Em 1991, o Fluminense não foi campeão brasileiro, mas cumpriu uma bela jornada: para chegar às semifinais, precisava vencer cinco jogos seguidos no momento final da fase de classificação – e acabou conseguindo. Era um time operário, sem estrelas, que tinha em seu artilheiro a luz para iluminar os caminhos.

É natural que os torcedores em geral apeguem-se a grandes vitórias e títulos, o que nem sempre significa a melhor avaliação: nem sempre o melhor vence, nem sempre o campeão é o mais admirado. Por exemplo, sem conquistas nacionais, a Máquina Tricolor do Doutor Horta é um dos times mais importantes da história do Fluminense – e, sem sombra de dúvidas, o mais famoso. O caso de Ézio é emblemático: um dos maiores artilheiros tricolores de todos os tempos foi também o timoneiro de tempos sem títulos, difíceis, mas nem de longe sofridos – havia o sentimento de que, em breve, emplacaríamos. Ninguém sabia que aquela espera de nove anos desaguaria numa de nossas histórias mais sensacionais e definitivas.

Tenho saudades de Ézio. Do jeito humilde como tratava a todos. O carinho com as crianças. A permanente satisfação em defender o Fluminense. Não era um craque e nem precisava sê-lo: bastava-lhe a condição de artilheiro lutador, desbravador, herói da doçura e da capacidade de honrar a camisa dentro de campo.

Tenho saudades de um Fluminense mais simples, sem nariz empinado e empáfia oca, sem obsessão midiática. Onde os torcedores se abraçavam de verdade, com afeto, sem a necessidade pueril de afirmação individual.

Éramos tricolores de uma só arquibancada, um samba.

No campo, não vivíamos a melhor fase, mas nem de longe ela carecia de fidalguia, esforço e dignidade. Tínhamos orgulho, os jogadores também, ao contrário da indiferença de certos campeões, midiaticamente dedicados, mas indiferentes aos sentimentos da torcida: o importante é a grana, nem que se tenha que quebrar um vestiário ou colocar o dedo na cara de dirigente para obtê-la.

Ao lado de outros heróis, Ézio representa para mim o futebol de outro tempo, um Maracanã democrático, um Fluminense que não precisava de autoafirmação estrambótica porque a simples menção de seu nome sugeria uma conquista, mesmo que ela viesse a demorar. Outras palavras.

Perdoem-me certa tristeza. O Fluminense de agora tem títulos, nome, grife, algum poder econômico, dívidas também. Mas aqui não quero falar de pragmatismo de resultados. Hoje é uma segunda-feira. Meu interesse é falar de sentimentos bons, de amor, de simpatia.

Muitos são ricos. Alguns são campeões. Outros são craques. Quem consegue atravessar décadas por conta de respeito, dignidade e caráter?

Super herói só teve um: Super Ézio, na voz espetacular de Januário de Oliveira.

Seu último jogo pelo nosso time foi o Fla-Flu imortal do gol de barriga. Gran finale.

O Fluminense é um mar de saudade.”

*Publicado originalmente em “O Fluminense que eu vivi”, Paulo-Roberto Andel, Vilarejo Metaeditora, 2015, página 97.*

## BOWIE E O FLUMINENSE

11/01/16

Horas atrás, David Bowie faleceu. Um dos maiores artistas do século XX, que chegou ao XXI ainda com grandes obras musicais, casos de “The Next Day” e “Blackstar” – este, ainda sequer disponível fisicamente nas lojas.

É de se imaginar o que David Bowie tenha a ver com as três cores da vitória. Eu explico, ao menos a respeito do Fluminense que eu vivi – aquele, dos jovens leões do fim dos anos 1970 e começo dos 1980.

Durante certo tempo, Bowie, embora um artista consagrado, experimentava um certo ocaso depois de seus grandes trabalhos da época em que vivia em Berlim e lançou sua trilogia musical, com os álbuns “Heroes”, “Low “ e “Lodger”, entre os anos de 1977 e 1979. Para muitos jovens roqueiros tricolores, uma trilha sonora do pós-Máquina, tempos difíceis para o Flu, sem conquistas, sendo quebrados pontualmente pelo timaço de 1980, e infelizmente retomados nas duas temporadas seguintes.

Quando veio 1983, o Fluminense renasceu com um time fantástico e inesperado, formado por jogadores remanescentes de outras temporadas, mais contratações sem muito alarde e jovens jogadores da base e de fora. A politizada torcida tricolor teve enorme participação neste processo, cobrando dos dirigentes, organizando greves e repudiando tempos em que até um picadeiro de circo – literalmente! – esteve alojado em pleno gramado das Laranjeiras. Sim, a nossa turma não tratava os gols sofridos como algo palatável, nem acreditava na primeira história da carochinha.

Deu no que deu: o super time tricampeão carioca até 1985, também campeão brasileiro em 1984, desafiando definições e constrangendo as redações. Apesar de não conquistar títulos nos anos seguintes, pode-se dizer que as sobras do time tricampeão ainda repercutiram até o começo de 1989 – afinal, lá estavam ainda Romerito e Washington na partida monumental das quartas de final contra o Vasco, pela Copa União: eles eram os absolutos favoritos e nós os eliminamos.

Num paralelo, em toda aquela época mágica do Fluminense de Assis, David Bowie emergia da pasmaceira e com seu clássico “Let’s dance” ganhou as pistas e as rádios de todo o planeta – era uma audição obrigatória de todos os adolescentes e jovens adultos daquele tempo no Rio de Janeiro, fosse por Copacabana, Tijuca ou Madureira. Quem se lembra das danceterias? Ao lado do Rock Brasil e de nomes como Yes, Van Halen, Kiss, Duran Duran e o iniciante U2, Bowie é uma referência radiofônica clássica daqueles tempos – embora fosse torcedor do Manchester United e, em certa época, tenha usado nomes de jogadores do Arsenal para se hospedar em hotéis sem ser reconhecido.

Recolhido desde o início do século XXI e sem conceder entrevistas, ele reapareceu apenas por sua incomparável arte em “The Next Day”, álbum do começo de 2013, que não foi um bom momento para o Flu. Justamente agora que o Tricolor luta para se reencontrar e buscar o caminho dos títulos, num cenário bem parecido com o de 1983, ainda que em

outras condições econômico-financeiras e até mais badalado (contratações, novo uniforme e patrocinador a caminho), Bowie tinha acabado de lançar “Blackstar” na sexta-feira passada, data de seu aniversário de 69 anos. Era a espetacular despedida e ninguém sabia: o artista estava doente de câncer há quase dois anos.

O que resta é torcer para que “Blackstar” venha a ser uma trilha sonora de grandes momentos do Fluminense neste 2016, assim como aconteceu nos anos 1980, quando Bowie foi quase um amuleto musical de Alvaro Chaves. Que o Camaleão nos ajude de onde estiver. Sua canção derradeira é “Lazarus”, que fala de ressurreição. Faz todo sentido para as três cores.

## POLAROIDES DAS LARANJEIRAS IMORTAIS

02/09/21

Era o Leo pisando firme como sempre, eu precisava entregar livros em Botafogo. Fizemos o caminho de ida pelo Santa Bárbara e, tão logo descemos o viaduto, experimentamos a emoção que nos contagia desde crianças, sem a menor importância de termos quase vinte anos de diferença. Afinal, é Fluminense. Passar na porta do estádio e olhar dá uma sensação tão boa que é difícil de escrever, algo que me acompanha desde a infância.

Enquanto ele lembrava de quando comprava ingressos pelo burquinho gradeado da bilheteria, ou de como era difícil para subir os degraus altos da arquibancada superior sendo pequenininho, eu pensava em quantos treinos e jogos da base vi com meu pai, sonhando com o dia em que o Fluminense voltaria a jogar em seu palco sagrado. Aconteceu em 1986 e, desde então, fiquei tão obcecado em ver jogos em nossa casa que lá fui até para compromissos do Botafogo, só para me sentir local.

E quando saía de Copacabana escolhendo entre o longo percurso do 434 ou a agilidade do 435, com direito a me arrepiar vendo o grande muro grená – hoje tricolor – com o escudinho na entrada da Pinheiro Machado?

Jogos, muitos e muitos jogos. O Flu tem uma história maravilhosa em seu campo, e é duro vê-la desprezada pela escrotidão política: bravatas, promessas não cumpridas e hipocrisia. A retórica fraudulenta com o único objetivo de manter o sonho maldito do destombamento que permita aberrações como a construção de um shopping ou condomínio.

Fomos a Botafogo e voltamos. Novamente a Pinheiro Machado, agora olhando à esquerda para se deparar com o sublime, o belo, a fascinação que Laranjeiras oferece aos torcedores que sabem o que aquilo significa. Não passou de vinte segundos, mas a repercussão é aquela sensação do coração batendo mais forte. É o Fluminense.

Cem cobranças de falta de Edinho ao final dos treinos, deliciosos joguinhos na quarta-feira à tarde, a turma espiando o jogo em pé no muro, a trave contemplativa que Sérgio Santanna descreveu tão bem em sua conta. Pensar que ali pisaram muitas vezes Marcos Carneiro de Mendonça, Romeu, Tim, Didi, Waldo, Telê, Castilho, Pinheiro, o super time do fim dia anos 1960, a fabulosa Máquina e muito mais.

Para Nelson Rodrigues não se dava um passo nas Laranjeiras sem se tropeçar numa glória. Só de olhá-la vem no peito uma rajada de vitória e pertencimento. É inaceitável ver as sucessivas direções do clube mostrando desprezo à casa que inventou o futebol brasileiro, a torcida, o chefe de torcida, o ídolo, a Seleção brasileira e muito mais.

É preciso salvar Laranjeiras antes que venha um abraço de morte.

## **SOBRE O AUTOR**

Paulo-Roberto Andel é autor/coautor de mais de 30 livros, dentre eles 18 sobre o Fluminense, sendo um dos autores mais publicados do futebol brasileiro, tendo apresentado seu trabalho em diversas estações de rádio e canais de TV. É cronista do Correio da Manhã e do Museu da Pelada. Em 2020 concorreu ao Prêmio Oceanos Itaú com "Um botequim de Copacabana". É editor do site Panorama Tricolor desde julho de 2012. Em 2014, o Fluminense lhe concedeu o título simbólico de torcedor ilustre do clube, por conta dos serviços literários prestados à memória tricolor. Nascido em 1968, acompanha o Fluminense desde 1975.

